



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA JESUS

**OS RISOS E AS LÁGRIMAS DOS HOMENS:
UM ESTUDO SOBRE O DELÍRIO PARANOICO DE RUBIÃO,
PERSONAGEM DE MACHADO DE ASSIS**

Brasília
2016

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA JESUS

**OS RISOS E AS LÁGRIMAS DOS HOMENS:
UM ESTUDO SOBRE O DELÍRIO PARANOICO DE RUBIÃO,
PERSONAGEM DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação *lato sensu* apresentado ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB/ICPD: Especialização em Teoria Psicanalítica.
Orientadora: Maria Fátima Silveira dos Santos.

**Brasília
2016**

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA JESUS

**OS RISOS E AS LÁGRIMAS DOS HOMENS:
UM ESTUDO SOBRE O DELÍRIO PARANOICO DE RUBIÃO,
PERSONAGEM DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-
Graduação *lato sensu* apresentado ao Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB/ICPD:
Especialização em Teoria Psicanalítica.
Orientadora: Maria Fátima Silveira dos Santos.

Brasília (DF), _____ de _____ de 2016.

Banca Examinadora

Professora: Maria Fátima Silveira dos Santos.
Orientadora

Professor: Gilson Ciarallo
Examinador

Professora: Isa Paniago
Examinador

*Dedico este trabalho à minha família muito querida:
Paulo Roberto
João Paulo + Babi
Bárbara + Flávio
Clarice
e quem mais chegar...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio aos meus estudos, sempre;

Agradeço à Doutora Maria Fatima Silveira dos Santos pelo carinho, boa vontade e disposição em me orientar e, sobretudo, pelo olhar atento ao meu trabalho;

Agradeço ao Professor Doutor Marcos Chedid Abel pelo incentivo e ajuda inestimáveis, pelo exemplo de profissional competente e dedicado, pela amizade e sobretudo pela confiança depositada em meu trabalho;

Agradeço à Doutora Mercedes Quihillaborda Mourão, que me ouviu, e me estimulou a escrever;

Agradeço aos professores do Curso de Teoria da Psicanálise do Uniceub, TP-9, que tanto me ensinaram;

Agradeço aos colegas do Grupo de Estudos em Psicanálise do UniCeub pelo compartilhamento do saber e pelo papo no cafezinho;

Agradeço à Ana Lima pelo trabalho valioso de me ajudar a alinhar as ideias;

Por fim, agradeço a Deus por colocar todas essas pessoas no meu caminho e por me dar *entusiasmo*, esta que é a mais bela das palavras gregas: “Ter Deus dentro de si!”

Eu gosto de catar o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto [...] a vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam.

Machado de Assis

Os poetas e filósofos descobriram o inconsciente antes de mim. O que eu descobri foi o método científico que nos permite estudar o inconsciente.

Sigmund Freud

RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa teórica em psicanálise sobre a paranoia, investigando a sua etiologia, à luz de Freud, Ferenczi, Lacan e comentadores. O objetivo é identificar as modificações sofridas pelo sujeito no seu embate com a realidade, bem como seu narcisismo – uma vez que o papel do ego é fundamental nessa questão –, erotomania, delírios de grandeza, ciúme, nessa estrutura clínica chamada psicose. O método utilizado foi o da leitura comentada do texto literário *Quincas Borba*, de Machado de Assis, aplicando-se conceitos da psicanálise, numa conexão entre as duas áreas, evidenciando que a literatura e a arte são fontes de conhecimento, o que é reconhecido pela psicanálise. Assim, procuramos demonstrar que o transtorno mental apresentado pela personagem Rubião corresponde a um quadro descrito pela psicanálise, ou seja, o da paranoia, com suas peculiaridades e também semelhanças com o da neurose obsessiva. Para tanto, analisamos o relacionamento do protagonista com as personagens Quincas Borba, Palha e Sofia, uma vez que esses foram fundamentais como objetos do afeto e agentes potencializadores da psicose de Rubião. Consideramos, enfim, que a obra literária é fonte legítima como conhecimento da psique humana, o que também foi amplamente reconhecido por Freud.

Palavras-chave: Paranoia. Delírio. Narcisismo. Megalomania. Ciúme.

ABSTRACT

This is a theoretical research on psychoanalysis concerning paranoia, investigating its origins under Freud, Ferenczi, Lacan and other commentators. It aims to identify the changes incurred by the subject in his battle against reality, as well as his narcissism - since the ego plays a fundamental role in this issue - erotomania, delusions of grandness, jealousy, in this clinical structure called psychosis. The method employed is a commented reading of a literary work by Machado de Assis, *Quincas Borba*, by applying concepts of psychoanalysis and therefore connecting both areas of knowledge and highlighting that literature and art are sources of knowledge, which is accepted by psychoanalysis. Therefore, we aim to demonstrate that the mental disturbances shown by the character named Rubiao correspond to a condition described by psychoanalysis as paranoia, with its particularities and resemblances with obsessive neurosis. For that, we analyse his relationships with other characters such as Quincas Borba, Palha and Sofia, who played fundamental roles as objects of Rubiao's affection and as catalysts of his psychosis. Finally, we understand that literary art is a legitimate source of knowledge of the human psyche, which was also recognised by Freud.

Key-words: Paranoia. Delusion. Narcissism. Megalomania. Jealousy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Trecho retirado da obra de Machado de Assis.	38
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO	13
1.1 Psicanálise	13
1.2 Literatura	18
2 OS RISOS E AS LÁGRIMAS DOS HOMENS: ESTUDO SOBRE O DELÍRIO PARANOICO DE RUBIÃO	22
2.1 O Falso <i>Self</i>	22
2.2 A Ambivalência	24
2.3 O Gozo do Outro	27
2.4 O Desejo	28
2.5 A Fantasia e a Infiltração Delirante	30
2.6 O Narcisismo	34
2.7 A Fantasia e a Realidade Psíquica	36
2.8 O Sonho	41
2.9 A Projeção	43
2.10 O Delírio Paranoico	45
3 DISCUSSÃO	52
4 RESULTADOS	57
CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS	62

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo psicanalítico feito com base na literatura. Procuramos investigar o comportamento psicótico da personagem Rubião, do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, publicado em 1891, obra de ficção que antecipa conceitos freudianos e ilustra-os com a referida personagem acometida pelo delírio paranoico, cujos sintomas serão identificados por nós de acordo com as teorias de Freud, Lacan, seguidores e/ou comentadores.

Considerando o nosso ponto de partida, que foi estabelecer uma conexão entre a literatura e a psicanálise, procuramos investigar a etiologia do delírio de Rubião, mostrando que a literatura explicita a realidade humana, uma vez que a identificação das estruturas clínicas neurose, psicose e perversão estão presentes não só na personagem protagonista, como também nas secundárias. Privilegiamos o estudo da psicose, pois é a sua manifestação em forma de delírio paranoico que vai caracterizar a personagem central da obra, Rubião. Para tanto, buscamos como referencial teórico – ensaios, dissertações, teses acadêmicas e estudos críticos – para investigar a etiologia da paranoia.

A literatura, desde sua origem, expressa de maneira intuitiva o comportamento humano. Como disse Freud (SILVA, 2009) “Seja qual for o caminho que eu escolher, um poeta já passou por ele antes de mim”. Portanto, o delírio das personagens literárias pode ser utilizado como *corpus* para pesquisa científica e ser analisado com o instrumental da psicanálise, pois essas personagens são criações humanas feitas à imagem e semelhança dos sujeitos humanos estudados pela ciência inaugurada por Freud.

Temos como objetivo principal saber se a literatura pode ser utilizada como objeto de análise psicanalítica; e, como objetivo específico, saber se a referida personagem do romance *Quincas Borba* ilustra os sintomas psicóticos descritos nos manuais de psicanálise;

saber se a doença é inata ou produto de experiências de vida; como se manifestam os sintomas do delírio; saber ainda o papel do narcisismo na paranoia; como é o mundo do delirante; se há preconceito social em relação à doença; e, por último, se o delírio é uma defesa do ego, e, em caso positivo, o que o delírio paranoico deseja ocultar.

Queremos, dessa forma, demonstrar que a literatura não somente reflete a realidade objetiva da vida, como também é uma fonte de conhecimento que mostra quem somos a nós mesmos: seres complexos, vivendo entre a realidade e os sonhos, entre o céu e a terra e entre risos e lágrimas.

Assim, no desenvolvimento do nosso trabalho, apresentamos uma pesquisa bibliográfica da literatura e da psicanálise, fizemos um aprofundamento do tema, acompanhando a narrativa com o detalhamento e a observação objetiva do estudo psicanalítico, em que o mínimo é mais, ou seja, os detalhes é que dão a pista do todo. Para tanto, seguimos todos os passos de Rubião na tentativa de compreender os seus mais profundos desejos e intenções mais ocultas. Subdividimos em pequenos capítulos identificados por uma nosografia específica. Tais como: o falso *self*, a ambivalência, o gozo do Outro, o desejo, a fantasia, o narcisismo, o sonho, a projeção e o delírio paranoico. E, no final, apresentamos o resultado da pesquisa.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Psicanálise

Como afirmamos anteriormente, o presente trabalho tem por objetivo estudar a estrutura paranoica da personagem literária Rubião, e, secundariamente, a da personagem Quincas Borba, de Machado de Assis, valendo-se do instrumental da Psicanálise. Para embasar o nosso estudo, buscamos apoio em Freud, o pai da Psicanálise, em Ferenczi, em Lacan e nos autores contemporâneos. Mas começaremos pela conceituação de Laplanche e Pontalis (2012):

Paranoia – Psicose crônica caracterizada por um delírio mais ou menos bem sistematizado, pelo predomínio da interpretação e da ausência de enfraquecimento intelectual, e que geralmente não evolui para a deteriorização. Freud inclui na paranoia não só o delírio de perseguição, como a erotomania e o delírio de grandeza. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2012, p. 334)

Ainda segundo esses autores, o termo “paranoia” vem do grego significando loucura, desregramento do espírito. O seu uso em psiquiatria é muito antigo; no século 19, teve uso genérico para todos os delírios, e somente no século 20 teve seu uso limitado e definido, por influência de Kraepelin. Contudo, ainda hoje há divergências entre as escolas.

Na trajetória da conceitualização do quadro clínico da paranoia, iniciamos nossa pesquisa com Sigmund Freud (1856-1939), que se refere à paranoia pela primeira vez, em carta e manuscrito, em 1895. Nesse primeiro momento, ainda preso aos conceitos psiquiátricos, vai conceituá-la como “uma neurose de *defesa* cujo mecanismo principal é a *projeção*” (FREUD, 1895apud CROMBERG, 2010, p. 56). Mais tarde preferiu o diagnóstico de “dementia paranoides” (CROMBERG, 2010, p. 63); em seguida, fez considerações, ou melhor, “inclusive a sugestão de que a paranoia acarreta o retorno a um autoerotismo primitivo” (CROMBERG, 2010, p. 72). Mas somente no caso Schreber, cujo estudo publicou em 1912, ele irá defini-la como paranoia. Sobre o caso, diz Freud:

A investigação psicanalítica da paranoia seria completamente impossível se os próprios pacientes não possuíssem a peculiaridade de revelar (de forma escondida, é verdade) exatamente aquelas coisas que outros neuróticos mantêm às escondidas

como um segredo. Visto que os paranoicos não podem ser compelidos a superar resistências internas e desde que, de qualquer modo, só dizem o que resolvem dizer, decorre disso ser a paranoia um distúrbio em que o relatório escrito ou uma história clínica impressa podem tomar o lugar de um conhecimento pessoal do paciente. Por esta razão, penso ser legítimo basear interpretações analíticas na história clínica de um paciente que sofria de paranoia (ou, precisamente, de dementia paranoides) e a quem nunca vi, mas que escreveu sua própria história clínica e publicou-a. Refiro-me ao doutor em Direito Daniel Paul Schreber, anteriormente *Senatspräsident* em Dresden, cujo livro *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken* [Memórias de um Doente dos Nervos], foi publicado em 1903, e, se estou corretamente informado, despertou considerável interesse entre os psiquiatras (FREUD, 1911/2006, p. 21).

Assim, Freud considerou a paranoia uma predisposição psíquica específica para lidar com o intolerável. Observou ainda que se trata de um mecanismo de projeção que sai da consciência em direção ao exterior, voltado para o mundo de fora.

Sándor Ferenczi, médico neurologista e psicanalista húngaro (1873-1933), mestre, analista e amigo de Freud, deu novos rumos à psicanálise, sobretudo quanto à abordagem da paranoia, muito próxima à de Freud, em que a homossexualidade desempenha o papel principal. Desde cedo na sua obra, aparece o tema da sexualidade, bem como a participação do corpo na constituição psíquica. Diz ele no primeiro artigo das obras completas que “os impulsos libidinais do organismo, despertados e não satisfeitos, não se resolvem à força de decretos morais: na falta de ser saciado, o desejo sexual encontra sua saída em sintomas patológicos” (FERENCZI, 1908 apud SANTOS, 2011)

Diz ainda: “eu mesmo pude convencer-me, segundo o caminho traçado por Freud, de que o mecanismo da paranoia consiste numa projeção sobre outrem ou, de modo mais geral, sobre o mundo externo, de complexos destinados ao recalque” (FERENCZI, 1908 apud SANTOS, 2011).

Avançando em suas pesquisas, afirma que a bissexualidade

a saber, que a estrutura primitivamente bissexual do homem não deixa apenas vestígios anatômicos mas também traços psicosssexuais que, sob o efeito de circunstâncias exteriores favorecedoras, podem tornar-se dominantes. (FERENCZI, 1908 apud SANTOS, 2011).

Tendo concordado com Freud quanto à sexualidade infantil e estudado a transferência, Ferenczi compara o comportamento dos neuróticos com o dos dementes precoces e paranoicos. Segundo estudo de Davidson Braga Santos (“Corpo, afeto e clínica na obra de Sándor Ferenczi”):

citando Abraham e Jung, Ferenczi afirma que o demente retira totalmente seu interesse do mundo externo, tornando-se infantil e autoerótico. Por sua vez, o paranoico tenta fazer o mesmo sem o conseguir inteiramente. Não conseguindo retirar seu interesse do mundo externo, o paranoico rechaça-o do seu próprio eu e, segundo Freud, projeta no mundo externo esses desejos e tendências. De tal modo, em vez de reconhecer que ama ou que odeia, ele crê que todo mundo desenvolve esses sentimentos em relação a ele (SANTOS, 2011, p.7).

Quanto à homossexualidade, esta ressurge na paranoia, por um fracasso da sublimação social. Segundo Renata Udler Cromberg:

Em relação à percepção paranoica, Ferenczi fará agudas observações que muito se aproximam do artigo posterior de Freud *A negação*; ele falará da luta do paranoico contra o testemunho que lhe oferecem seus sentidos e suas recordações. O que se ama fica introjetado, absorvido no próprio eu. (...) O paranoico projeta, tomando como base a mais leve desculpa etiológica. O paranoico associa evidentemente suas paixões e suas desagradáveis ideias de relação ao fato de que sua aguçada visão percebe corretamente o leve grau de persistente interesse sexual que todos os homens, ainda que não conscientes dele, sentem com relação a todos os seres viventes, mas, de acordo com sua maneira de ser, o exagera quantitativamente. (CROMBERG, 2010, p. 182)

Assim, Ferenczi aprofundou o estudo da homossexualidade masculina, explorando todas as suas manifestações nos delirantes.

Jacques Marie Émile Lacan, médico psiquiatra francês (1901-1981), chega à psicanálise em 1930. Em 1931, apresenta seu primeiro trabalho escrito *Estrutura das psicoses paranoicas*. Polêmico, interessou-se pelos surrealistas, acreditando que a loucura era vizinha da verdade. Grande inovador, rompeu com as concepções anteriores, sobretudo as da psiquiatria do século 19. Aproxima-se de Salvador Dalí, para quem:

a paranoia funcionava como uma interpretação delirante da realidade, um fenômeno pseudo-alucinatório que permitia o aparecimento de imagens duplas, cuja existência tornava caduca a concepção psiquiátrica da paranoia como erro de julgamento ou delírio racional. Todo delírio já é uma interpretação da realidade e toda paranoia uma atividade criadora lógica. (CROMBERG, 2010, p. 188)

Para Lacan, a paranoia é resultado do embate do sujeito com o mundo. Diz Roudinesco: “Dessa perspectiva, a etiologia da paranoia e da psicose em geral dependia de uma história concreta do sujeito em suas relações com o mundo, mesmo quando interviesse, eventualmente, uma sintomatologia de origem orgânica.” (CROMBERG, 2010, p. 194).

Lacan privilegiava assim a história da personalidade, e a paranoia aparecia como um remanejamento desta, como uma mutação no eu, um hiato entre a situação anterior e a eclosão do delírio (CROMBERG, 2010).

Na progressão dos estudos lacanianos, vários conceitos inovadores vão surgir, dando nova luz à compreensão da paranoia. Desde a identificação do “estádio do espelho”, passando pela nova compreensão da *Verwerfung*, que Lacan traduziu por *foraclusão*, mecanismo específico da psicose em geral, consistindo numa rejeição primordial de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito. Os significantes foracluídos, ao contrário dos reprimidos, não são integrados no inconsciente do sujeito, mas retornam ao real por ocasião de uma alucinação ou de um delírio que vem invadir a fala ou a percepção do sujeito (CROMBERG, 2010). Para essa compreensão do conceito de foraclusão foi fundamental o estudo que Lacan fez do caso Schreber cujo texto o fez entender a paranoia como a foraclusão do Nome-do-Pai (LACAN, 2008). Nesse estudo, ele concorda com Freud com relação ao investimento homossexual na paranoia. É muito conhecida a sua afirmação:

Não se torna louco quem quer. Louco seria aquele que tem uma ideia adequada da loucura, a ponto de esta, longe de ser uma realidade, converter-se numa verdade que o homem traz em si como limite à sua liberdade. (CROMBERG, 2010, p. 204)

Para Lacan, a causa da psicose dever-se-ia a um acidente ocorrido na estruturação do complexo de Édipo, que seria a ausência do Nome-do-Pai, o que faria com que o sujeito não acesse à falta e, portanto, não pudesse entrar no eixo metonímico da linguagem (CROMBERG, 2010).

Na reflexão da psiquiatra e psicanalista Piera Aulagnier (1923-1990), cuja pesquisa apoia-se na constelação familiar, destacamos o seguinte: “o paranoico é perseguido porque é invejado por um bem que ele possui, geralmente um saber, que é fonte de poder, qualquer que seja ele” (PIERA, 1975 apud CROMBERG, 2010, p. 212). O autodidata [Quincas Borba] costuma ser frequente entre os paranoicos; a tentação homossexual está sempre presente; o delírio paranoide remodela o mundo, a fim de que o absurdo da sua situação familiar adquira um sentido: remodela o escutado e o visto numa lógica sem falha e adequada ao postulado sobre a origem, criado pelo pensamento delirante primário (CROMBERG, 2010).

Na esteira de Freud, o psicanalista francês Pierre Fédida retoma o mito da origem e a ambiguidade do conceito de pessoa, que só foi possível devido à renúncia à violência e ao assassinato. Retoma também Ferenczi quanto ao papel desempenhado pelo complexo paterno e pela homossexualidade na gênese da paranoia (CROMBERG, 2010).

Ao contrário de Fédida, para a psicanalista vienense Melanie Klein (1882-1960), a gênese não conta muito, e sim o funcionamento do psiquismo, o que se passa no primeiro ano, que será vital e crucial, determinando tudo o que venha a ocorrer depois. O principal está no que acontece no mundo interno, na dialética das fantasias, na maneira de lidar com as ansiedades precoces. O indivíduo se torna psicótico, perde o sentido da realidade, quando ocorre regressão aos primeiros meses da infância. O ponto de fixação da doença psicótica está na posição esquizoparanoide e no início da posição depressiva, segundo sua conceituação. Igualmente a Freud, ela achava que os pontos de fixação da demência precoce e da paranoia estão na etapa narcisista, a demência precoce precedendo a paranoia. E assim como Freud, ela vê estreita relação entre a paranoia e as formas mais agudas de neurose obsessiva. E a paranoia seria um dos resultados da incapacidade de um sujeito superar a posição depressiva (CROMBERG, 2010).

Para o médico e psicanalista inglês Donald W. Winnicott (1886-1971), o potencial paranoico de um indivíduo se origina num fracasso ambiental relacionado à atividade de integração-desintegração na vida do bebê. O manejo do mundo interno será condição do manejo do mundo externo. Com os conceitos de *verdadeiro self* e *falso self*, estudou os conflitos intersíquicos provocados pelo ambiente patogênico (CROMBERG, 2010).

O psicanalista francês Philippe Julien (1926-), da escola lacaniana, abordando as duas faces da psicose, nos fala de dois tempos sucessivos: o da perplexidade e o da convicção. No primeiro,

O que, no outro, está foracluído do simbólico retorna no real. [...] A psicose se declara assim: *palavras se impõem* ao sujeito como vindas do exterior sob forma de voz, como eco do pensamento, como enunciação de atos a cumprir ou comentários destes. [...] Indiferenciado no início, o pensamento se torna gradualmente auditivo ou verbo-motor: verbal, objetivo, individualizado e temático. (JULIEN, 1997, p. 27)

No segundo tempo, o da convicção, “O delírio tem por função dar *resposta* ao enigma: “tentativa de cura, uma reconstrução, escreve Freud.”” (JULIEN, 1997, p. 27) E, concorda que o delírio é uma tentativa de reconstrução do universo, onde ele possa viver, por meio de seu trabalho delirante. Trabalho de convicção, segundo esse autor.

O psiquiatra e psicanalista Antonio Quinet (1951-) toma como base o campo do gozo e a teoria dos discursos de Lacan e investiga de que forma os psicóticos se inserem nos discursos. Em seu livro *Psicose e laço social*, reflete sobre os que estão “fora-do-discurso” e a busca de laço social.

Assim, com a exposição dos renomados autores acima citados, pensamos sintetizar a nossa investigação sobre a etiologia da psicose e o seu funcionamento psíquico.

1.2 Literatura

Considerando a fala delirante de nossas personagens Quincas Borba e Rubião, investigamos especialmente a estrutura clínica da paranoia na qual se pode reconhecer melhor essa atividade delirante (HERMANN, 1984); Quincas Borba revela a sua condição de

filósofo, ocupando o lugar do saber, e Rubião, o seu transbordamento verbal e a sua megalomania.

Nesta pesquisa bibliográfica, chamou-nos a atenção o escasso número de títulos dedicados ao estudo psicanalítico da obra *Quincas Borba* (ASSIS, 1886/1980), o que, em vez de nos desanimar, motivou particularmente a nossa investigação da intercessão da psicanálise com essa obra literária.

Antes, porém, devemos mencionar o grande interesse de Machado de Assis por temas como loucura, perversão, e neuroses em geral, na sua vasta e importante produção artística. A galeria de loucos passa por Quincas Borba e Rubião, Simão Bacamarte, o impagável alienista (analisado brilhantemente por Antonio Quinet), o perverso de “A causa secreta”, “O enfermeiro”, o doido de “Segunda vida” e o narcisista/esquizofrênico (?) de “O espelho”, só para citar os memoráveis. (A crueldade de Brás Cubas também merece análise atenta, sem falar no antológico capítulo do delírio). São anjos decaídos, cada um à sua maneira, sofrendo e/ou fazendo sofrer...

A maioria dos trabalhos críticos vê nessas personagens traços autobiográficos do autor nos últimos anos de vida, já consumido por doenças e pessimismo filosófico. Para Gustavo Corção, seriam “laivos de loucura” de Machado, devidos talvez à epilepsia de que era portador. Vê também, em *Quincas Borba*, a cena final do livro como “episódio de humorismo pungente (Corção), de doloroso ridículo, lágrima e riso, o trágico e o cômico” (ALCÂNTARA, 2008). Lopes (apud ALCÂNTARA, 2008) refere-se ao “grãozinho de sandice” de Quincas Borba que cresceria e se transformaria em frutos amargos da insânia. E também ao paranoide Quincas Borba, criador do Humanitismo.

A brilhante Lúcia Miguel Pereira, em seu aclamado livro *Machado de Assis*, a melhor biografia do autor, tratando de *Quincas Borba*, considera que “há no livro duas figuras admiráveis, das melhores da galeria machadiana: Rubião e Sofia.” (PEREIRA, 1988, p. 203)

Sobre Sofia, ela destaca que “Ela e Capitu são as mulheres mais mulheres dos romances de Machado.” (PEREIRA, 1989, p. 203), e, acredita que “A sua arte de se manter à beira do adultério, sendo fiel ao marido, de alimentar a paixão do Rubião sem se comprometer, a sua atitude com Carlos Maria, são traços admiráveis de psicologia feminina.” (PEREIRA, 1988, p. 203). O que a grande crítica viu como “traço admiráveis”, nós, com o instrumental da psicanálise, vemos traços da neurose histérica. Ambas, Sofia e Capitu, seduzem, mas não passam ao ato. (Isso para o caso de concordarmos com a crítica de que não houve adultério). Sobre esse importante traço clínico da histeria, vale dizer que o corpo é sexuado e dividido: a parte genital fica inibida e todo o resto do corpo não-genital fica muito erotizado. (NASIO, 1990). Ainda segundo esse psicanalista, a histeria é o laço que o neurótico estabelece com os outros a partir de suas fantasias, pois são o medo e a recusa ao gozo que ocupam o centro de sua vida psíquica. Assim, com o olhar da psicanálise, o que era virtude transforma-se numa incapacidade... Em Rubião, a crítica considera que Machado conseguiu um dos seus melhores tipos mórbidos e que sua loucura foi se desenhando aos poucos. Mas, em seu belo estudo, a autora considera confessionais, biográficas, certas passagens da vida de Machado que lhe ficaram gravadas na memória consciente.

Para Antonio Carlos Secchin (1996), em seu ensaio sobre loucura e linguagem em *O alienista*, o texto satiriza o falar vazio, a retórica pomposa, encarando pelo denominador comum “hipérbole” o vínculo entre linguagem e loucura. A loucura se revela em tudo que é portador de um excesso. “Doido é quem fala mais do que devia (Martins Brito), ou dá mais do que se espera (Costa) Mas a partir de que mínimo o excesso se torna máximo?” Essa reflexão vale igualmente para o Quincas Borba e o Rubião, ambos hiperbólicos na linguagem e perdulários.

Para a crítica Leda Tenório da Motta, Machado é contemporâneo das primeiras nosografias psiquiátricas, mas de Freud. Prossegue ela:

Ele escreve, assim, num tempo em que a suspeita do inconsciente e de seus processos está no ar. Além disso, definindo a psicose como um furo ou um buraco que fica no lugar do não-reconhecimento da castração, com tudo isso que tem que ver com a diferença sexual, a psicanálise estabelece relações bastante diretas entre o desmoronamento psicótico e a sexualidade. E temos tudo para suspeitar da homossexualidade de Rubião. Não só por conta de sua amizade com Quincas Borba, que ele trata com carinho, o agasalhando, lhe calçando nos pés os chinelos e o chamando de querido, enquanto, em troca, o amigo lhe deixa de herança todo o seu dinheiro, o seu cachorro e a sua filosofia (aquela cujo lema é “Ao vencedor as batatas”). Nem só porque, logo que deixa Minas e se instala no Rio de Janeiro, este viúvo de Quincas Borba se apaixona perdidamente pela mulher do seu melhor amigo, o Palha, no meio de uma triangulação que fala por si só da confusão *objetal* que está em jogo. Mas porque é o próprio Machado que se incumbe de nos pôr a pulga atrás da orelha ao escrever que, em Minas, as pessoas estranhavam as maneiras de Rubião jogar com os braços e a cabeça, quando caminhava, o que fez sua comadre Angélica lhe dizer estas palavras, para ouvidos espertos e expertos, sibilinas: Que figura o senhor vem fazendo, meu compadre?! Palavras tão bem colocadas que parece que podemos ver daqui os trejeitos da criatura! (MOTTA, 2008)

Assim, realizada essa pesquisa para o embasamento do nosso estudo, passaremos à análise do romance Quincas Borba.

2 OS RISOS E AS LÁGRIMAS DOS HOMENS: ESTUDO SOBRE O DELÍRIO PARANOICO DE RUBIÃO

Para melhor compressão da leitura e análise, procuramos dividir o romance *Quincas Borba* em partes constituídas por uma determinada nosografia, pois parece-nos uma forma de enriquecer e direcionar o trabalho, uma vez que Machado de Assis quis catar o escondido. Assim, abriu para nós o leque da investigação psicanalítica, abrangendo aspectos das personagens que falam de todos, que nos caracterizam como seres humanos, com os nossos risos e lágrimas.

2.1 O Falso *Self*

Rubião está muito contente de si: admira a magnífica paisagem da enseada de Botafogo que o cerca, assim como os objetos luxuosos que compõem sua casa e sua vestimenta... Pensa: “Que era há um ano? Professor. Que é agora! Capitalista.” (ASSIS, 1980, p. 13). Assim se inicia o romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, objeto de nossa análise.

Rubião, protagonista da narrativa, revestido desse novo *self*, procura recalcar qualquer pensamento que evidencie o amoralismo do seu coração, que se sente bastante satisfeito pela morte da irmã e de Quincas Borba, amigo e benfeitor que lhe deixara grande fortuna.

Nessa cena inicial, recorremos a Winnicott, grande inovador na abordagem da psicose, que distingue dois aspectos do *self*, um verdadeiro e um falso, presentes em proporções diferentes em todo ser humano. No caso de Rubião, o deslumbramento com a nova existência social em contraste com a situação delirante do final de sua vida miserável expõe a sua condição mental. Diz Winnicott:

Quando existe uma tendência à clivagem muito acentuada, o indivíduo corre o risco de se deixar seduzir por uma vida falsa e as pulsões ficam do lado do meio ambiente sedutor. Uma sedução bem-sucedida desta forma produz um falso *self* que

parece satisfatório à observação, mas que mantém latente a esquizofrenia. (WINNICOTT, 1952 apud CROMBERG, 2010, p. 268)

Rubião estava encantado com sua nova condição:

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara, e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica esse par de figuras que está na sala, um ‘Mefistófeles’ e um ‘Fausto’, (figuras que funcionarão como índice de nossa narrativa). Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, - primor de argenteria, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços. (ASSIS, 1980, pág. 14)

Para Winnicott, que

partiu da concepção original de Freud de que há uma parte mais central do ego (ou *self*) relacionada com as pulsões e uma parte mais externa voltada para a vida de relação. [...] o falso *self* é sempre resultado de uma defesa, de uma dissociação, que tem como objetivo ocultar o verdadeiro *self*, para evitar o seu aniquilamento. (WINNICOTT, 1960 apud MELLO FILHO, 2011, p. 141)

Já o verdadeiro *self* é uma individualidade bastante autêntica, um verdadeiro eu (*true self*), presente na maior parcela da humanidade. Para Cromberg,

o falso *self* enreda o bebê como um mecanismo de defesa primitivo a partir da ameaça de aniquilação, [...]. Ao chegar à idade adulta, comporta-se como um camaleão que se funde com o meio ambiente ou reage especularmente aos outros. (CROMBERG, 2010, p. 270)

Esse tema se relaciona com aspectos fundamentais da Psicanálise, com a questão da identidade, suas vicissitudes e patologias. Para Lacan, trata-se de dependência e servidão a que o ser humano está condenado, à alienação do que “teria de mais autenticamente seu” (MELLO FILHO, 2011, p. 212). E Winnicott fala de “potencial paranoico [...] que se origina num fracasso ambiental relacionado à atividade de integração-desintegração” (CROMBERG, 2010, p. 270).

Assim, apesar da situação extremamente confortável, Rubião não se sentia inteiramente feliz. E também “Não era velho; ia fazer quarenta anos” (ASSIS, 1980, p. 14). O motivo era a paixão por Sofia, a bela Sofia, mulher do seu amigo Palha; paixão revestida de erotismo, ou de autoerotismo, pois o vemos, ao pensar nela, acompanhar o pensamento com o

gesto de acariciar o queixo e as suíças “tão macias, que dava gosto passar os dedos por elas...” (ASSIS, 1980, p. 14) E batia as borlas do chambre no joelho como se marcasse o compasso da espera em ter essa bela mulher para si. Rubião recorda o primeiro encontro na estação de Vassouras, onde conheceu o casal Palha no vagão do trem que ia para o Rio de Janeiro.

2.2 A Ambivalência

Meses antes, nesse ano de 1867, ainda em Barbacena, Rubião exerceu a função de enfermeiro do amigo Quincas Borba, que “trazia aquele grãozinho de sandice” (ASSIS, 1980, p. 15). Foi imensa a dedicação:

Era real o desvelo de Rubião, paciente, risonho, múltiplo, ouvindo as ordens do médico, dando os remédios às horas marcadas, saindo a passeio com o doente, sem esquecer nada, nem o serviço de casa, nem a leitura dos jornais, logo chegava a mala da Corte ou a de Ouro Preto. (ASSIS, 1980, p. 15)

O amigo Quincas Borba, filósofo criador de uma obra chamada *Humanitismo*, cuja essência Rubião não conseguia compreender, tinha um cão ao qual dera o próprio nome, numa ânsia de perpetuação: “sobreviverei no nome do meu bom cachorro” (ASSIS, 1980, p. 16). Assim, como não tivera filhos, se perpetuaria no livro, para quem soubesse ler, e no chamamento do cachorro, para os que não soubessem ler...

Nesse ambiente, Rubião acompanhou as ideias do amigo que, curiosamente, tinha controle de sua doença: “Talvez esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho” (ASSIS, 1980, p. 16).

Rubião nada compreendia desse homem singular: nem o alcance de sua filosofia, nem a capacidade de rir da morte, mesmo porque a base do *Humanitismo* era a crença de que não há morte, apenas supressão de formas em favor da sobrevivência de outras... Rubião, no seu papel de cuidador, “sentia bater-lhe o coração violentamente” (ASSIS, 1980, p. 20) quando o assunto era o testamento do riquíssimo Quincas Borba. Para tanto, tornara-se o fiel escudeiro dos dois Quincas Borba, sendo inclusive motivo de chacota das pessoas por

guardar um cão em vez de ser o cão que o guardasse a ele. Vinha a risota, choviam as alcunhas. Em que havia de dar o professor! Em sentinela de cachorro! Rubião tinha medo da opinião pública. Com efeito, parecia-lhe ridículo; fugia aos olhos estranhos, olhava com fastio para o animal, dava-se ao diabo, arrenegava da vida. Não tivesse a esperança de um legado, pequeno que fosse. Era impossível que lhe não deixasse uma lembrança. (ASSIS, 1980, p. 22)

Consideramos essa passagem de fundamental importância para a paranoia que Rubião desenvolverá mais tarde, pois o olhar da opinião que o persegue, que o faz sentir-se ridículo, é um dos elementos desencadeadores da paranoia, cuja etiologia, segundo Lacan, “e da psicose em geral dependia de uma história concreta do sujeito em suas relações com o mundo, mesmo quando interviesse, eventualmente, uma sintomatologia de origem orgânica (ROUDINESCO, 1993 apud COMBRERG, 2010, p.191) Acrescentando a isso o golpe que essa ridicularização da sua imagem teve para o seu narcisismo, de que falaremos adiante.

Sete semanas após a viagem ao Rio de Janeiro, Quincas Borba envia uma carta a Rubião em que afirma ser Santo Agostinho. Após ler e reler a carta, Rubião teve a certeza de que o amigo estava doido. E teve pena:

Morria antes de morrer. Tão bom! Tão alegre! Tinha impertinências, é verdade; mas a doença explicava-as. Rubião enxugou os olhos, úmidos de comoção. Depois veio a lembrança do possível legado, e ainda mais o afligiu, por lhe mostrar que bom amigo ia perder. (ASSIS, 1980, p. 23)

Percebemos nessa passagem a ambivalência dos sentimentos de Rubião, pois, se lamentava sinceramente a loucura e a iminente perda do amigo, aguardava com impaciência a herança, agora ameaçada pela insanidade daquele. Teve uma vertigem ao pensar que o testamento poderia ser invalidado ao ser considerado o estado mental do Quincas Borba. Escondeu a carta no bolso, evitando entregá-la para o médico, por considerar imprudência de sua parte, pois essa seria uma prova futura contra ele, Rubião, em caso de recebimento de herança. Passou a pensar nos contos que ganharia, no que faria ou compraria com o dinheiro.

Na semana seguinte, Rubião vê nos jornais da Corte a notícia da morte de Quincas Borba. Leu-a. O final dela dizia: “Já então delirava. Deixa muitos bens. O testamento está em Barbacena. [...] Observou que não havia nenhuma alusão a demência. Ao contrário, o

final dizia que ele delirava a última hora, efeito da moléstia. Ainda bem” (ASSIS, 1980, p. 24). Rubião sentiu-se bem em saber que o amigo não morreria em consequência da loucura e tratou de despachar o cão Quincas Borba para a casa da comadre, pois ele não gostava de cães.

Numa espécie de brincadeira literária do autor Machado de Assis, o narrador nos diz que Rubião recebeu uma carta de Brás Cubas – personagem de outro romance machadiano, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1981) – e amigo de Quincas Borba – que dizia ter o Quincas Borba morrido em sua casa e lhe pedira antes que escrevesse a Rubião agradecendo-lhe e acenando com a possibilidade da herança, o que de fato aconteceu:

Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás. Adivinhais por quê. Era nomeado herdeiro universal do testador. Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas da Corte, ações do Banco do Brasil e de outras instituições, joias, dinheiro amoedado, livros - tudo finalmente passava às mãos de Rubião, sem desvios, sem deixar a nenhuma pessoa, nem esmolas, nem dívidas. (ASSIS, 1980, p. 25)

Havia, porém, uma condição no testamento: a de guardar o cão Quincas Borba consigo, que o tratasse como se ele fosse o próprio testador, que todos os cuidados lhe fossem dispensados

como se cão não fosse, mas pessoa humana. [...] quando morresse o cachorro, de lhe dar sepultura decente em terreno próprio, que cobriria de flores e plantas cheirosas; e mais desenterraria os ossos do dito cachorro, quando fosse tempo idôneo, e os recolheria a uma urna no lugar mais honrado da casa. (ASSIS, 1980, pág. 25)

Rubião achou a cláusula natural, mas desnecessária, pois considerava o cão o elo entre os amigos e, agora juntos, recordariam o desaparecido. Isto posto, resolveu que deveria seguir para o Rio de Janeiro desfrutar as delícias da Corte. De repente, lembrou-se de ter mandado o cão à comadre Angélica e, no caminho à casa desta, foi tomado de verdadeiro pavor, que não hesitamos em denominar paranoico: ocorreu-lhe a ideia de que alguém sabedor da cláusula relativa ao animal “roubasse o cachorro, e o escondesse ou matasse” (ASSIS, 1980, p. 27) Observamos nessa passagem que, enquanto Rubião imaginava o pior e

fazia promessas a todos os santos, ele se valia de um gestual próprio dos alucinados, o que divertiu a comadre.

2.3 O Gozo do Outro

Mal se instalara na Corte, já foi procurado no dia seguinte pelo Palha, que lhe indicava um advogado seu contraparente. Em visita à casa dos novos amigos, ficou sinceramente atraído e perturbado pela beleza de Sofia. Apesar de ter prometido a si mesmo “ser forte e implacável” (ASSIS, 1980, p. 33) na Corte, voltou a casa “meio tonto” (ASSIS, 1980, p. 33).

As visitas se tornaram cada vez mais frequentes, e Rubião “trazia sempre guardado, e mal guardado, certo fogo particular, que ele não podia extinguir” (ASSIS, 1980, p. 33).

De posse da casa de Botafogo, uma das herdadas, recorre aos serviços do casal Palha para decorá-la com o máximo bom gosto. Nesse ponto da narrativa, retomamos a cena inicial em que Rubião fita a enseada, satisfeito de si e de sua sorte. Algo, porém, o perturbava: a tentação chamada Sofia. Fora isso, criara a rotina do *dolce far niente*: todos os dias recebia amigos, na realidade simples conhecidos para o almoço - em que se regalavam à sua custa. Eram homens mundanos, aproveitadores, companhias da primeira hora. Rubião, no entanto, tecia-lhes as maiores considerações, o que demonstrava mais e mais a sua carência afetiva do que a sua generosidade.

Assim Rubião gastava o seu tempo. Certo dia, entre os comensais *habitués* da casa, recebe uma cestinha de morangos acompanhados de um bilhete de Sofia convidando-o, na verdade intimando-o, a ir jantar com ela e o marido. Rubião corou muito, sobretudo pelo comentário do Freitas de que se tratava de “morangos adúlteros” (ASSIS, 1980, p. 39). Embora satisfeito com a suposição, Rubião negou veementemente, o que para nós confirma o

seu desejo inconsciente: “Mas também podia acontecer que o próprio calor da negativa deixasse alguma dúvida no ânimo dos dois, alguma suspeita... Aqui sorriu consolado”. (ASSIS, 1980, p. 39). Após a saída dos convidados e depois de dar “um pontapé no cachorro, que o fez gritar e fugir” (ASSIS, 1980, p. 40) – só para salientar a crueldade oculta em Rubião – este

deu por si beijando o papel, - digo mal, beijando o nome, o nome dado na pia de batismo, repetido pela mãe, entregue ao marido como parte da escritura moral do casamento, e agora roubado a todas essas origens e posses para lhe ser mandado a ele, no fim duma folha de papel... Sofia! Sofia! Sofia! (ASSIS, 1980, p. 40)

Estaria alucinando? Sentindo-se já possuidor do nome de Sofia, usurpando-o do marido – o que lhe dava mais prazer – o caminho estava aberto para uma possível aventura amorosa. Sofia, por sua vez,

rastejava os vinte e oito anos; estava mais bela que aos vinte e sete; [...] A boca parece mais fresca. Ombros, mãos, braços, são melhores, e ela ainda os faz ótimos por meio de atitudes e gestos escolhidos. [...] Traja bem, comprime a cintura e o tronco no corpinho de lã fina cor de castanha, obra simples, e traz nas orelhas duas pérolas verdadeiras, - mimo que o nosso Rubião lhe deu pela Páscoa. (ASSIS, 1980, p.41)

Quanto ao Palha, “decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas aventuras particulares”. (ASSIS, 1980, p. 42). Vemos que Sofia é utilizada pelo marido como um verdadeiro anúncio, um *réclame* publicitário. Mas, com que intenção? Sofia, por sua vez, “acabou gostando de ser vista, muito vista, para recreio e estímulo dos outros” (ASSIS, 1980, p. 42). Observamos que ela desenvolveu um *self* adaptativo e passou a gozar o gozo do Outro.

2.4 O Desejo

Detemo-nos particularmente nessa noite em que Rubião se deixou levar, deslumbrado pelos encantos de Sofia: “Meu Deus! como é bonita! Sinto-me capaz de fazer um escândalo! Pensava Rubião à noite, ao canto de uma janela, de costas para fora, olhando para Sofia, que olhava para ele”. (ASSIS, 1980, p. 42), uma vez que Rubião, a partir desse momento, sucumbirá ao desejo obstinado de tê-la para si. Tornando-se vítima de uma grande

obsessão. Agora só tinha olhos para Sofia e, na erotização da sua figura, metaforizava-a com a ideia de flor, tradicionalmente conhecida pela sensualidade, deslocamento da sexualidade:

Olhava para Sofia, que estava então em pé, de costas para ele, falando a duas senhoras sentadas. Rubião admirou-lhe ainda uma vez a figura, o busto bem talhado, estreito embaixo, largo em cima, emergindo das cadeiras amplas, como uma grande braçada de folhas sai de dentro de um vaso. A cabeça podia então dizer-se que era como uma magnólia única, direita, espetada no centro do ramo.” (ASSIS, 1980, p. 44)

Resoluto, no jardim, de braços dados com Sofia, Rubião admirava a lua magnífica e as estrelas do céu. Deixando a habitual timidez de lado, falou poeticamente das estrelas, que comparou aos olhos de Sofia. “Loquaz, destemido. Rubião parecia totalmente outro; falou ainda muito, mas não deixou o mesmo círculo de ideias.” Sofia estava atônita: “Trouxera ao colo um pombinho, manso e quieto, e saía-lhe um gavião, - um gavião adunco e faminto.” (ASSIS, 1980, p. 45). É interessante observar aqui o modo contrastante como um vê o outro: para ele, ela era uma flor; para ela, ele era um gavião. A flor com toda a sua simbologia dos encantos e aromas secretos; o gavião com o seu significado de predador ostensivo. Nessa antítese, se oculta um mudo diálogo de intenções de intensa erotização. Rubião vê despertados os seus mais íntimos desejos, e nada irá detê-lo na ânsia da realização amorosa. Daí para frente veria em cada palavra de Sofia um princípio de cumplicidade, uma ligação secreta entre eles. Pediu-lhe que “todas as noites, às dez horas, fitasse o Cruzeiro, ele o faria também, e os pensamentos de ambos iriam achar-se ali juntos, íntimos, entre Deus e os homens” (ASSIS, 1980, p. 46). Nessa bela passagem, entre poética e irônica, vemos a imagem do Cruzeiro – cruz, paixão de Cristo – simbolizando a elevação do sentimento de Rubião, a sublimação de um amor puro – cruzar-se, para melhor explorar a metáfora, com a pequenez do destino humano, com o triste sofrimento da carne, presa aos sentidos na busca do prazer – o princípio do prazer.

Rubião fizera esse convite audacioso, o que muito incomodava Sofia: “O convite era poético, mas só o convite, Rubião ia devorando a moça com olhos de fogo, e segurava-lhe

uma das mãos para que ela não fugisse. Nem os olhos nem o gesto tinham poesia nenhuma.” (ASSIS, 1980, p. 46). “Devorando” e “olhos de fogo” são expressões autoexplicativas do ímpeto sexual de Rubião. Assustada, Sofia diz: “- Ai, não me quebre os dedos!” (ASSIS, 1980, p. 47) e pede que entrem em casa. Pego em flagrante pelo terrível Major Siqueira quando se inclinava para beijar a mão de Sofia, Rubião ficou sem saber o que dizer. “Vexado, calado (ASSIS, 1980, p. 47). [...] entrou em casa. Tentava desconversar, mas o fato é que “voltando a si, ainda não achou o que dizer, e, contudo urgia dizer alguma coisa” (ASSIS, 1980, p. 48). Inventou uma história que, por ser falsa, divertiu muito o major, gostando de vê-lo embaraçado.

Depois das emoções intensas dessa noite, “a alma do Rubião [...] desce o morro, dizendo as coisas mais íntimas às estrelas, espécie de rapsódia feita de uma linguagem que ninguém nunca alfabetou, por ser impossível achar um sinal que lhe exprima os vocábulos” (ASSIS, 1980, p. 51). Vemos aqui que o sentimento experimentado por Rubião não tinha inscrição em sua psique. É algo da natureza do Real que, segundo Lacan, não tem registro. Nesse novo afeto, “as ruas desertas parecem-lhe povoadas, o silêncio é um tumulto, e de todas as janelas debruçam-se vultos de mulher, caras bonitas e grossas sobranceiras, todas Sofia e uma Sofia única” (ASSIS, 1980, p. 51). Reflete sobre a própria atitude, “tem então calafrios e fica aterrado com a ideia de que podem fechar-lhe a porta, e cortar inteiramente as relações” (ASSIS, 1980, p. 51).

2.5 A Fantasia e a Infiltração Delirante

Enquanto seguia para casa e pensava, viu um mendigo maltrapilho que dormia nos degraus da igreja “que lhe trouxe à alma uma sombra de inveja. Aquele malandro não pensa em nada [...] daqui a pouco está dormindo, enquanto eu...” (ASSIS, 1980, p. 52). Essa passagem, do ponto de vista da construção da narrativa, é estrutural, constituindo índice, ou seja, o elemento cuja função é antecipar os acontecimentos:

o mendigo estava de barriga para o ar, com os olhos fitos no céu. O céu fitava-o também, impassível como ele, mas sem as rugas do mendigo, nem os sapatos rotos, nem os andrajos, um céu claro, estrelado, sossegado, olímpico, tal qual presidiu às bodas de Jacob e ao suicídio de Lucrecia. Olhavam-se numa espécie de jogo do siso, com certo ar de majestades rivais e tranquilas, sem arrogância, nem baixaza, como se o mendigo dissesse ao céu: - Afinal, não me hás de cair em cima. E o céu: - Nem tu me hás de escalar. (ASSIS, 1980, p. 52)

Rubião sentiu inveja do maltrapilho, ou melhor, “a comparação que ali fez entre os seus cuidados e os do maltrapilho apenas lhe trouxe à alma uma sombra de inveja”. (ASSIS, 1980, p. 52). O fato é que essa imagem ficaria retida na psique de Rubião e, talvez, pela pulsão de autodestruição, seria concretizada mais tarde. Nesse instante em que olhava o mendigo e entrou no tálburi para voltar para casa, “lembrou-se de um velho episódio esquecido, ou foi o episódio que lhe deu inconscientemente a solução” (ASSIS, 1980, p. 53). O episódio de que se lembrara foi o enforcamento de um negro ao qual fora atraído como que por uma força misteriosa – que é a força da multidão. Como era de constituição psíquica fraca, “Rubião deu um grito, e não viu mais nada” (ASSIS, 1980, p. 54). Vale notar que no momento em que aconteceu o desmaio, “Rubião não podia entender que bicho era que lhe mordía as entranhas, nem que mãos de ferro lhe pegavam da alma e a retinham ali” (ASSIS, 1980, p. 54). Essa ideia de algo externo que devora e tortura é um dos sintomas da paranoia, no caso, ainda latente. Absorto nessas recordações antigas, não gostou quando o cocheiro falou com ele: “Interiormente zangou-se com o homem, que o veio tirar de recordações antigas. Não eram belas, mas eram antigas, - antigas e enfermeiras, porque lhe davam a beber um elixir que de todo parecia curá-lo do presente” (ASSIS, 1980, p. 54). Consideramos instigante essa passagem, uma vez que Rubião tem o prazer de lembrar-se de algo doloroso, quando era rapaz pobre e hóspede indesejado na casa de conhecidos. Por que essas lembranças eram “enfermeiras” e “lhe davam a beber um elixir”? Que sentido faz pensar nisso agora que é rico? Mais uma vez, pensamos na pulsão destruidora de Thanatos.

Rubião lembra-se do cão Quincas Borba e, como sempre, sente-se aterrorizado diante da ideia de que ele possa fugir, deixando-o sem os bens da herança. Sente-se culpado em tê-lo deixado tanto tempo só, em casa, e sente-se também ingrato com o amigo Quincas Borba. Ocorre-lhe ainda a ideia de transmigração da alma que “uma preta de São João d’El Rei” (ASSIS, 1980, p. 55) lhe metera na cabeça, ainda criança. Vai que “os dois Quincas Borba podiam ser a mesma criatura, por efeito da entrada da alma do defunto no corpo do cachorro, menos a purgar os seus pecados que a vigiar o dono.” Assim, a “possibilidade de estar ali o testador dava-lhe arrepios” (ASSIS, 1980, p. 55). E, crédulo como era, viu no olhar do cão o do próprio defunto:

Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe abrissem a porta. O cão olhava para ele, de tal jeito que parecia estar ali dentro o Quincas Borba; era o mesmo olhar meditativo do filósofo, quando examinava negócios humanos... Novo arrepio; mas o medo, que era grande, não era tão grande que lhe atasse as mãos. Rubião estendeu-se sobre a cabeça do animal, coçando-lhe as orelhas e a nuca. (ASSIS, 1980, p. 55)

E ainda: “os olhos do cão, meio fechados de gosto, tinham um ar dos olhos do filósofo, na cama, contando-lhe coisas de que ele entendia pouco ou nada...” (ASSIS, 1980, p. 56).

Na paranoia, o olhar tem papel preponderante. A sensação de estar sendo vigiado, perseguido, desencadeia uma série de ações.

Detemo-nos nesse dia da vida de Rubião por ter ele “vivido um dia cheio de sensações diversas e contrárias” (ASSIS, 1980, p. 56). Tudo se mistura em seu espírito fraco de homem provinciano com pretensões de grandeza, sem falar na grande novidade que era o conhecimento amoroso, “a sensação maior era a do amor. Rubião estava admirado de si mesmo[...]” (ASSIS, 1980, p. 56). Enquanto isso, o nosso narrador irônico nos adverte: “Não, senhora minha, ainda não acabou este dia tão comprido,” (ASSIS, 1980, p. 56) É que na casa do Palha, Sofia relata ao marido que ouvira nada menos que uma declaração de amor de Rubião. Apesar de empalidecido com a notícia, Palha considerou o negócio. Achava natural que a mulher cativasse um homem, pois era moça bonita; lembrava que “o bilhete que ela

mandara a Rubião, acompanhando os morangos, foi redigido por ele mesmo: a mulher limitou-se a copiá-lo, assiná-lo e mandá-lo”. (ASSIS, 1980, p. 58); lembrava-se, ainda, que Rubião olhava para ela, mas “parece também que Sofia, em algumas ocasiões, pagava os olhares com outros...” (ASSIS, 1980, p. 58) Concluiu cinicamente o raciocínio: “enfim, contanto que lhe ficassem os olhos, podiam ir alguns raios deles. Não havia de ter ciúmes do nervo óptico, ia pensando o marido.” (ASSIS, 1980, p. 58) Lembrou-se principalmente de dizer a Sofia: “O Rubião é nosso amigo, devo-lhe obrigações.” (ASSIS, 1980, p. 59) e, ante a quase indignação da mulher, completou: “-Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro.” (ASSIS, 1980, p. 60). Nessas considerações do Palha, em que pese o amoralismo de suas atitudes, chamou-nos a atenção o episódio do bilhete. Forjado em linguagem feminina “mando-lhe estas **frutinhas**” (ASSIS, 1980, p. 32, grifo nosso), não só com a concordância, mas a intimação de comparecimento pelo marido “por ordem do Cristiano” (ASSIS, 1980, p. 39), e esse convite sedutor se despedia como “Sua verdadeira amiga.” O que teria passado pela cabeça do Palha para fazer a mulher “psicografar” a mensagem? Por que não pediu a ela simplesmente que redigisse de próprio punho o bilhete? Por trás desse gesto, suspeitamos uma relação complexa a três.

Após as intensas emoções da noite em que convidara Sofia a ver o Cruzeiro, a rotina de Rubião se estabelece: receber os convivas para almoçar e jantar, sentindo-se sempre um estranho na própria casa, ora humilhado por saber-se tão provinciano, ora orgulhoso do luxo que podia proporcionar aos “amigos”.

Sofia, por sua vez, sentia-se culpada em relação ao marido, mal sabendo ela que ele se orgulhava de vê-la atrair os homens, a exemplo do jovem Carlos Maria que “sendo a primeira figura do salão [...] se ocupara tanto tempo com ela” (ASSIS, 1980, p. 62). Essa atitude do Palha chama-nos atenção por usar a mulher como realizadora, talvez, de seus desejos mais secretos. Ao ser admirada, desejada por outros, ele, por substituição, se sentia

também desejado: “- Entre as senhoras és tu, acudiu ele, mirando-se no colo da mulher, e circulando depois os olhos pela sala, com uma expressão de posse e domínio, que a mulher já conhecia e que lhe fazia bem” (ASSIS, 1980, p. 62).

Nessa relação complexa, vemos que o Palha, como um bom neurótico, não desiste nunca de seus empreendimentos. Assim, sentindo a ausência de Rubião em sua casa, vai procurá-lo para reparar a relação. Enquanto isso, Rubião, cercado por pessoas que o incentivavam a fazer gastos excessivos, como doações, compras de ações sem valor ou futuro, a que ele, sempre magnânimo, dizia sim. Cogitaram-lhe o nome para deputado “um lugar na câmara, por exemplo, espanejou as asas de ouro no cérebro do nosso amigo.” (ASSIS, 1980, P. 67) Entre os pensamentos de grandeza na Corte, por vezes voltavam-lhe as recordações da terra natal, saudosa província, que o situava perante si mesmo. O verdadeiro *self* que ele escondia: “Se a alma dele foi alguma vez dissimulada, e escutou a voz do interesse, agora era a simples alma de um homem arrependido do gozo, e mal acomodado na própria riqueza” (ASSIS, 1980, p. 67).

2.6 O Narcisismo

Mas durou pouco essa recordação. Tratou logo de reprimi-la. A ideia de tornar-se deputado foi mais forte: “Visão magnífica, ambição que nunca teve, quando era um pobre diabo... Ei-la que o toma, que lhe aguça todos os apetites de grandeza e de glória. [...] A figura de Sofia passou ao longe, na encosta do morro, e diluiu-se no luar; a última sessão da câmara, tumultuosa, ressoou aos ouvidos de Rubião” (ASSIS, 1980, p. 68). Vemos nessa passagem, o novo *self* de Rubião, tal como o ovo, se engendrando: algo se passa em sua imaginação que o faz sentir-se outro homem. Não voltou a Minas. Estava decidido, mais que nunca, a integrar-se à vida elegante da Corte. Depois de ver o seu nome festejado no jornal por ter salvo do atropelamento um menino, experimentou diferentes sensações, da contrariedade inicial ao deslumbramento, à glória do nome impresso como um herói. O ego volta a inchar. Mal cabe

em si: “Cada gloriuzinha oculta bicava o ovo, e punha a cabeça de fora, olho aberto, sem penas, em volta da glória máxima de Rubião” (ASSIS, 1980, p. 76).

O Palha (Mefistófeles) a essa altura já mudara de endereço, morava agora na elegante praia do Flamengo e tinha Rubião (Fausto) como sócio da firma de importação Palha e Companhia. Os rombos no cabedal financeiro de Rubião eram cada vez maiores. Enquanto avaliava o dinheiro despendido, Rubião estremeceu quando “Quincas Borba, que estava com ele no gabinete, deitado, levantou casualmente a cabeça e fitou-o. [...] Desta vez chegou a ver-lhe um tom de censura nos olhos: riu-se era tolice; cachorro não podia ser homem.” (ASSIS, 1980, p. 79). Sente-se observado, vigiado, mas ainda nega. E teria de negar, pois a sociedade comercial feita com o Palha era necessária, uma vez que assegurou, melhor, “legalizou a assiduidade das suas visitas” (ASSIS, 1980, p. 79), cujo motivo era Sofia: “Sofia só apareceu no fim, sem deixar de estar nele, desde o princípio, ideia latente, inconsciente, uma das causas últimas do ato, e a única dissimulada” (ASSIS, 1980, p. 79).

No baile, em sua casa, “Sofia estava magnífica. [...] mui decotada [...] braços nus, cheios, com uns tons de ouro claro, ajustavam-se às espáduas e aos seios” (ASSIS, 1980, p. 79) e ainda portando diadema e brincos de pérolas naturais que o próprio Rubião lhe presenteara um dia. Rubião admirava a beleza de Sofia, mas não podia deixar de inquietar-se ante a ideia de que o moço Carlos Maria, que dançava com ela, era uma ameaça à sua paixão. Aliás,

Carlos Maria não tinha notícia da longa paixão do mineiro, guardada, mortificada, não se podendo confessar a ninguém – esperando os benefícios do acaso, - contentando-se de pouco, da simples vista da pessoa, dormindo mal as noites, dando dinheiro para as operações mercantis. (ASSIS, 1980, p. 81)

Essa passagem ilustra bem como Rubião investe todas as suas catexias no objeto do seu platônico amor. Mas o mais surpreendente vem a seguir: “Que ele (Rubião) não tinha ciúmes do marido. Nunca a intimidade do casal lhe excitara os ódios contra o legítimo senhor” (ASSIS, 1980, p. 81). Essa observação do narrador merece uma análise mais

aprofundada, pois abre uma nova vertente à nossa investigação. Por que Rubião, sob a justificativa de ser o Palha “o legítimo senhor” de Sofia, aceitava que ele a possuísse? Não deveria ser o contrário? Algo encobridor parece ocorrer aqui nessa estranha lógica de Rubião. Estaria ele, por substituição, se colocando no lugar do marido? Ou, pelo contrário, não seria que o Palha, ao relacionar-se com Sofia, não estaria se relacionando com ele Rubião, por uma espécie de condensação? Nesse caso, a falta de ciúmes justificaria a identificação de natureza homossexual com o Palha. E, tanto ele se via como parte do casal, que “a possibilidade de um rival **de fora** veio atordoá-lo; aqui é que o ciúme trouxe ao nosso amigo uma dentada de sangue.” (ASSIS, 1980, p. 82, grifo nosso). Sobre esta “dentada de sangue”, feliz expressão, temos a dizer que, segundo Lacan, o ciúme coloca o sujeito numa posição objetal de ser devorado pelo Outro (LACAN, 1955).

2.7 A Fantasia e a Realidade Psíquica

E os ciúmes de Rubião, como a mordida do vampiro, tornavam-no definitivamente um homem ciumento. Tinha ciúmes de Carlos Maria – falso don Juan, pois na verdade era um grande narcisista que “achava feio tudo que não é espelho”, como diz o compositor Caetano Veloso. Mas Rubião não sabia disso: “Carlos Maria, [...] recolhia as admirações todas, por ínfimas que fossem. Para adorá-lo, todos os homens faziam parte da humanidade” (ASSIS, 1980, p. 86) e Carlos Maria passa a ser observado de perto pelo ciumento Rubião. Em meio a isso, surge um fato novo: tanto o Palha quanto o major Siqueira pensam que é hora de Rubião casar-se. E “o Palha queria acabar por aí, casando o sócio com a prima (Benedita); tudo ficando em casa, dizia ele à mulher” (ASSIS, 1980, p. 87). O que é “tudo” para o Palha? Como o vocábulo *tudo* significa um conjunto de coisas, além do dinheiro – que é o primeiro elemento desse conjunto que parece ocorrer ao Palha – que outras coisas ‘ficariam em casa’? Pelo menos um sentimento fica evidente nessa afirmação: a de posse, o que reafirma a condição de capitalista de Palha, grande neurótico preso

libidinalmente à fase anal, na conceituação freudiana. Tudo e todos eram parte de seus ganhos e domínio. O major Siqueira, por sua vez, observou a Rubião: “falta-lhe mulher. O senhor precisa casar” (ASSIS, 1980, p. 88). Aqui, é preciso dizê-lo, a preocupação em ver Rubião casado vai ao encontro do interesse do major, que tinha filha quarentona e solteirona. Mas não importam as verdadeiras intenções de um ou outro em relação a Rubião, e sim, o efeito que essa comunicação teve em nosso amigo:

E por que não? Perguntou uma voz, depois que o major saiu. Rubião, apavorado, olhou em volta de si: viu apenas o cachorro, parado, olhando para ele. Era tão absurdo crer que a pergunta viria do próprio Quincas Borba, - ou antes do outro Quincas Borba, cujo espírito estivesse no corpo deste, que o nosso amigo sorriu com desdém; mas, ao mesmo tempo, executando o gesto do capítulo XLIX, estendeu a mão, e coçou amorosamente as orelhas e a nuca do cachorro – ato próprio a dar satisfação ao possível espírito do finado. Era assim que o nosso amigo se desdobrava, sem público, diante de si mesmo. (ASSIS, 1980, p. 88)

A ideia de casamento que o aturdiu de início, logo pareceu

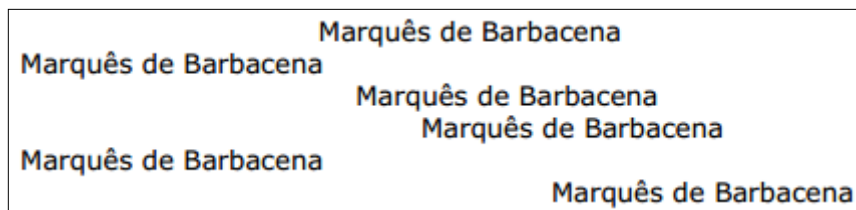
um modo de fugir a Sofia; [...] Em verdade, o casamento podia ser o laço da unidade perdida. Rubião sentia-se disperso: os próprios amigos de trânsito, que ele amava tanto, que o cortejavam tanto, davam-lhe à vida um aspecto de viagem, em que a língua mudasse com as cidades, ora espanhol, ora turco. (ASSIS, 1980, p. 89)

E, como não tinha nada que fazer, passava os dias entre convidados, nas sessões do júri, na Câmara dos Deputados, dava grandes passeios, “fazia visitas desnecessárias, à noite, ou ia aos teatros sem prazer [...] ultimamente ocupava-se muito em ler, lia romances, mas só os de Dumas pai, [...] Aquelas cenas da corte de França, inventadas pelo maravilhoso Dumas, e os seus nobres espadachins e aventureiros [...] (ASSIS, 1980, p. 89). Assim passava o tempo. E agora, com a ideia de casamento, sem mesmo pensar na noiva.

compôs de cabeça as pompas matrimônias: [...] Oh! Grandes e soberbos coches! [...] iria de *coupé*; imaginava-o forrado magnificamente [...] Parelha rara. Cocheiro fardado de ouro. Oh! Mas um ouro nunca visto. Convidados de primeira ordem, generais, diplomatas, senadores, um ou dois ministros, [...] Lá vinham os condes de Tal, um varão guapo e uma singular dama... “Caro amigo, aqui estamos”, dir-lhe-ia o conde, no alto; e, mais tarde, a condessa: “Senhor Rubião, a festa é esplêndida...” Sem contar que o casamento seria realizado pelo internúncio, de meias roxas de monsenhor, que conversaria também com o ministro da Rússia. Os lustres de cristal e ouro alumando os mais belos colos da cidade, casacas direitas, [...] dragonas e diademas, a orquestra dando sinal para uma valsa.[...] Ceia esplêndida. Cristais da Boêmia, louça da Hungria, vasos de Sèvres, criadagem lenta e fardada, com as iniciais de Rubião na gola. Esses sonhos iam e vinham. (ASSIS, 1980, p. 90)

Perguntamo-nos então: começa aqui o delírio de Rubião? Ainda não podemos responder. O fato é que Rubião comprou um almanaque e lia-o sempre procurando os nomes da nobreza local, trazendo-os de cor. Outras vezes, pegava da pena e de uma folha de papel, escolhia um título moderno ou antigo, e escrevia-o repetidamente, como se fosse o próprio dono e assinasse alguma coisa, como demonstra a figura retirada do trecho da obra de Assis (1994, p. 68) a seguir:

Figura 1: Trecho retirado da obra de Machado de Assis.



Elaborado pela equipe de formatação (ASSIS, 1994).

“Ia assim, até o fim da lauda, variando a letra, ora grossa, ora miúda, caída para trás, em pé, de todos os feitios.” (ASSIS, 1980, p. 91).

A imaginação começa a tomar conta de Rubião. Pensa nas possíveis noivas, mas eram todas Sofia. E ele chegou mesmo a pensar na morte do Palha. A ideia do casamento se fortalece. Palha pensa em casá-lo com a prima Maria Benedita, o que desagradou a Rubião. Como não parava de pensar no assunto do casamento, “Rubião palmilhou muita rua” (ASSIS, 1980, p. 93). Aqui, chama-nos a atenção o fato de ele andar enquanto pensa, pois uma das atitudes paranoicas é a do movimento. Dizia Kraeplin, a respeito do paranoico:

em geral, quando pode, ele busca apenas, consciente de sua vulnerabilidade, fugir dos combates mais sérios da existência, não adotar nenhuma posição firme, mas bem antes vagabundear, cuidar apenas de bagatelas e evitar o contato com a vida. (KRAEPLIN, 1975 apud JULIEN, 1997, p. 18)

Andava e se aborrecia. Vivia na ociosidade e num tédio mortal. Gastava exageradamente com todo tipo de ajuda solidária, numa sensação de vazio permanente. Quando andava por lugares pobres, a nostalgia da pobreza vinha, mas durava pouco, pois “o

feiticeiro que andava nele transformou tudo. Era tão bom não ser pobre!” (ASSIS, 1980, p. 95). Esse feiticeiro era o recalque, trabalho do eu consciente, como diz Freud. Fazia longos passeios de tálburi, seguindo sem rumo certo, como à procura de algo que lhe preenchesse o vazio interior.

Certa vez, ao receber os seus quatro ou cinco *habitués*, “Rubião teve aqui um impulso inexplicável – dar-lhes a mão a beijar. Reteve-se a tempo, espantado de si próprio” (ASSIS, 1980, p. 99). Algo está para romper em sua psique.

Sofia agora se ocupa de caridade, uma caridade maníaca que lhe toma todo o tempo, num desejo de ascensão social. Rubião deu-lhe uma grande quantia de dinheiro. O narcisismo dela era intensificado a olhos vistos. Rubião, por sua vez, estava transtornado pelo ciúme. Dias antes, fizera um passeio a um bairro distante e, com o poderoso auxílio da imaginação, estava convencido de que Sofia era a dama que teria se encontrado com determinado rapaz em local suspeito. Certo de tratar-se de Carlos Maria, elaborou planos para desvendar o caso. Fora de si, não pensava em outra coisa, precisava certificar-se da traição de Sofia. Depois de um dia tenso, foi dormir tarde, cansado, e

olhou para o céu; lá estava o Cruzeiro... Oh! Se ela houvesse consentido em fitar o Cruzeiro! [...] Quando a alma se fartou de amores nunca desabrochados, acudiu à mente do nosso amigo que o Cruzeiro não era só uma constelação, era também uma ordem honorífica [...] Achou genial a ideia de fazer do Cruzeiro uma distinção nacional e privilegiada. (ASSIS, 1980, p. 102)

Rubião, que nada fazia, a não ser pensar em Sofia, passava agora a uma nova preocupação: desvendar o conteúdo de uma carta endereçada por ela a Carlos Maria, encontrada no jardim, naturalmente caída da mão do moleque que a deveria entregar. Teve ímpetos em abri-la, mas teve escrúpulos e guardou-a no bolso. Sentindo-se despeitado, sofreu muito fazendo planos de estrangular o infame (Carlos Maria). Os dias que se seguiram foram de tristeza e dúvida “ia da entrega da carta à recusa e à guarda indefinida. Rubião tinha medo de saber: ora queria, ora não queria ler nada no rosto de Sofia.” (ASSIS, 1980, p. 105). Em

meio a esses pensamentos, é surpreendido pela proposta de candidatura a deputado feita pelo doutor Camacho.

Rubião ouvia subjugado. Camacho impunha; fisciaram-lhe os olhos. [...] Teve uma espécie de vertigem. Via-se na câmara, entrando para prestar juramento, todos os deputados de pé; e teve um calafrio. O passo era difícil. Contudo, atravessou a sala, subiu à mesa da presidência, prestou o juramento de estilo... Talvez a voz lhe fraqueasse na ocasião. (ASSIS, 1980, p. 106)

A imaginação de Rubião se perde e parece ter início a alucinação.

Ao morrer um dos comensais, o Freitas, Rubião

tomou a si custear as despesas do enterro, e acompanhou o defunto, na tarde seguinte ao cemitério. [...] Ao entrar no ‘*coupé*’, ainda ouviu estas palavras, a meia-voz: - Parece que é senador ou desembargador, ou coisa assim. (ASSIS, 1980, p. 107).

Decidido a devolver a carta a Sofia, foi à casa dela. Encontrou-a trajando luto pela morte da tia. “O luto ia-lhe muito bem, e o vestido parecia uma luva. Sentada, via-se-lhe metade do pé, sapato raso, meia de seda, coisas todas que pediam misericórdia e perdão” (ASSIS, 1980, p. 108). O fetiche quase o desarmou: “Rubião teve a pique de fraquear;” (ASSIS, 1980, p. 108) mas reuniu forças e perguntou-lhe se costumava escrever cartas. Como a resposta continha evasivas, Rubião, que “tinha os olhos desvairados” (ASSIS, 1980, p. 108) não se conteve e, mais que isso, explodiu: “- Não é segredo para a senhora que lhe quero bem. A senhora sabe disso, e não me despede, nem me aceita, anima-me com seus bonitos modos. [...] A senhora é má, tem gênio de cobra; que lhe fiz eu?” (ASSIS, 1980, p. 108). Ao pedido dela para que se calasse, pois podiam ouvi-lo,

a voz do Rubião ia aquecendo e crescendo. Cresceu mais ainda. Já não pleiteava esperanças; abria e despejava a alma. - Não me importa que ouçam, bradou ele [...] Ouça o resto, porque eu estou disposto a não guardar nada... Desatinada, receando deveras que algum criado ouvisse, Sofia levantou a mão e tapou-lhe a boca. Ao contato daquela epiderme querida, Rubião perdeu a voz. (ASSIS, 1980, p. 109)

Consideramos essa cena de forte erotização um dos acontecimentos desencadeadores da paranoia de Rubião. Achando-se com direitos sobre uma mulher casada, sentia-se enganado por ela... “Que ame a seu marido, vá; perdoava-lhe; mas que...” (ASSIS,

1980, p. 109) e, dizendo isso, retirou do bolso a carta e entregou-lha. Era uma simples circular comunicando algo da tal comissão das Alagoas a Carlos Maria. “Maldito homem, murmurou” (ASSIS, 1980, p. 110).

Rubião, a muito custo, deixa de ir à casa dos Palha durante alguns meses. Sempre pródigo, causava já preocupação ao Palha, que era o depositário dos títulos dele: “o seu capital precisa de cautelas, você está entrando muito por ele... Repare que já lhe rende menos [...] Vejo que é demais [...] De que há de viver, se estragar o que possui?” (ASSIS, 1980, p. 113) Rubião, apesar de rejeitar os conselhos, gostou de ver que o amigo se preocupava com ele; sentiu nele “uma intenção maviosa, revestida de forma crua.” (ASSIS, 1980, p. 114). Instou com Rubião para que voltasse a frequentar a casa: “Que mal lhe fizemos nós? Ou que lhe fizeram elas (Sofia e a prima Maria Benedita)? Porque a zanga parece ser com elas, visto que o vejo aqui. Que foi, para castigá-las? Concluiu rindo.” (ASSIS, 1980, p. 114).

2.8 O Sonho

“Nessa noite, Rubião sonhou com Sofia e Maria Benedita.” (ASSIS, 1980, p. 115) Esse sonho merece toda a nossa atenção pelo que contém de importante para o desencadeamento da doença que, cada vez mais, se instala na mente de Rubião. E mais ainda pela capacidade antecipatória da análise psicanalítica do narrador! Vamos ao sonho:

Nessa noite, Rubião sonhou com Sofia e Maria Benedita. Viu-as num grande terreiro, apenas vestidas de saia, costas inteiramente despidas; o marido de Sofia, armado de um azorrague de cinco pontas de couro, rematando em bicos de ferro, castigava-as desapiadadamente. Elas gritavam, pediam misericórdia, torciam-se, alagadas de sangue, as carnes caíam-lhe aos bocados. Agora, por que razão Sofia era a imperatriz Eugênia e Maria Benedita uma aia sua, é o que não sei dizer com exatidão. “São sonhos, sonhos, Penseroso!” exclamava um personagem do nosso Álvares de Azevedo. Mas eu prefiro a reflexão do velho Polonius, acabado de ouvir uma fala tresloucada de Hamlet: “Desvario embora, lá tem seu método.” Também há método aqui, nessa mistura de Sofia e Eugênia; e ainda há método no que se lhe seguiu, e que parece mais extravagante. Sim, Rubião indignado, mandou logo cessar o castigo, enforcar o Palha e recolher as vítimas. Uma delas, Sofia, aceitou um lugar na carruagem aberta que esperava Rubião, e lá foram a galope, ela garrida e sã, ele glorioso e dominador. Os cavalos, que eram dois à saída, eram daí a pouco, oito, quatro belas parelhas. Ruas e janelas cheias de gente, flores chovendo em cima deles, aclamações... Rubião sentiu que era o imperador Luís Napoleão; o cachorro ia no carro ao pé de Sofia... Tudo acabou sem fim, nem fracasso. Rubião abriu os

olhos; talvez alguma pulga o mordeu; qualquer coisa: “Desvario embora, lá tem seu método!” (ASSIS, 1980, p. 115)

Como interpretar esse sonho cuja marca é o sadismo? No seu conteúdo manifesto, num processo de substituição, o Palha tortura as duas mulheres com chicote, realizando, talvez, o desejo de Rubião de vingar-se delas. Nessa perversão, castigando-as com um azorrague de cinco pontas, parece haver a condensação das cinco estrelas - do Cruzeiro - que Sofia não quis fitar - em um chicote com pontas de ferro, o que presentifica uma imagem fálica num instrumento capaz de dilacerar-lhe as carnes. E ainda, os cinco contos que dera a ela para a caridade. Nesse desejo de vingança, em que a perversão é o método utilizado por Rubião, lembramos o que diz Lacan: “*todo gozo fálico é perverso*” (LACAN, 1975 apud JULIEN, 1997, p. 129). Vemos, em seguida, que Sofia já se transformara na imperatriz Eugênia, esposa de Napoleão III, como se o castigo a que fora submetida fosse etapa necessária para a sua redenção, alçada à condição de imperatriz da França. Depois de enforcar o Palha, desejo de vê-lo desaparecer, mas de forma pública e cruel, Rubião segue com Sofia a galope, numa fuga que revela seu desejo de potência (sexual) e domínio. Mas, o enforcamento do Palha pode querer dizer também que, caso Rubião tenha inconscientemente alguma atração sexual por ele, no sonho, pelo trabalho da censura, ele faz o Palha desaparecer, como garantia de que isso não ocorra. A energia sexual está representada não só por ele ser “glorioso e dominador” como pela presença dos cavalos que se multiplicam. Assim, a multidão que o aclama das ruas e janelas leva-nos a concordar com a ideia de que o desejo e/ou temor de ser visto é parte do delírio paranoico, num exibicionismo que, segundo Lacan, “visa fazer aparecer no Outro o *olhar* como sinal de possível cumplicidade no gozo” (LACAN, 1967 apud JULIEN, 1997, p. 128). Rubião, assim fortalecido pelo olhar do outro, sentiu que era o imperador Napoleão, com o cão Quincas Borba aos pés de Sofia, feita Imperatriz Eugênia.

Ao acordar, Rubião pensou no dito de Polonius de que mesmo sendo desvario, o sonho tem os seus métodos. É, no mínimo, curiosa essa observação sobre o fato de o sonho ter um método, em obras (Shakespeare e Machado de Assis) produzidas antes da *Interpretação dos sonhos*, de Freud, obra de 1900.

2.9 A Projeção

A candidatura a Deputado naufragara, o dinheiro fugia-lhe das mãos, e Rubião mantinha o propósito de não voltar a ver Sofia. No entanto, por ocasião do aniversário dela, enviou-lhe um magnífico brilhante no centro de um colar. Ela ficou fascinada e não deixou de observar “Aquele homem adora-me” (ASSIS, 1980, p. 119) e também de comprazer-se na “contemplação de si mesma, das suas ricas formas, dos braços nus de cima a baixo, dos próprios olhos contempladores.” (ASSIS, 1980, p. 119). Mas Rubião foi à casa dela. Causou-lhe boa impressão, a de estar mais firme, sem o gesto encolhido de antes.

Nos meses seguintes, aconteceu o casamento de Carlos Maria e Maria Benedita, seguindo ambos para a Europa; o Palha achou por bem desligar-se da sociedade comercial com Rubião, pois agora que estava rico não gostaria de dividir os lucros futuros com ele. Pensava inclusive em título de barão. Sofia, por sua vez, já tinha o seu *coupé*, símbolo de grandeza.

Rubião era agora um homem conhecido de toda a sociedade: “Quando apareciam as barbas e o par de bigodes longos, uma sobrecasaca bem justa, um peito largo, bengala de unicórnio, e um andar firme e senhor, dizia-se logo que era o Rubião, - um ricaço de Minas. Tinham-lhe feito uma lenda.” (ASSIS, 1980, p. 138).

Os convidados das refeições continuavam a faltar-se da boa mesa, tanto no almoço quanto no jantar. “Nenhum daqueles sabia, entretanto, o sacrifício que lhes fazia o Rubião. Recusava jantares, passeios, interrompia conversações apazíveis, só para correr à

casa e jantar com eles.” (ASSIS, 1980, p. 139) Precisava desse sacrifício para se sentir amado? Certa noite, os amigos, familiarizados com a casa, descobriram no escritório dois bustos de mármore: os dois Napoleões, o primeiro e o terceiro. “Dois bustos magníficos. Ao pé do olhar aquilino do tio, perdia-se no vago o olhar cismático do sobrinho.” (ASSIS, 1980, p. 140) Ficaram sinceramente admirados.

Os desperdícios de Rubião não tinham fim. Como não tinha ideias, “tinha agora imaginação” (ASSIS, 1980, p. 141), diz o narrador: “Outrora vivia antes dos outros que de si, não achava equilíbrio interior, e o ócio esticava as horas, que não acabavam mais”. (ASSIS, 1980, p. 141) Passava horas sentado na loja de um amigo e “Houve quem o visse, mais de uma vez, saltar da cadeira e ir até à porta ver bem pelas costas alguma pessoa que passava. [...] uma dessas vezes nem passou ninguém, ele próprio reconheceu a ilusão, voltou para dentro, [...] e saiu.” (ASSIS, 1980, p. 141). Seria o começo do delírio?

Sofia, que “comia bem, dormia largo e fofo” também mudara: “Cortou as relações antigas, familiares [...] agora torcia os olhos duramente para outro lado, conjurando, de um gesto definitivo, o perigo de alguma hesitação.” (ASSIS, 1980, p. 142) Tornara-se mais audaciosa, mais ousada: “não fica mal dizer que a imaginação de Sofia era agora um corcel brioso e petulante, capaz de galgar morros e desbaratar matos.” (ASSIS, 1980, p. 143) Essa imagem fortemente erotizada de Sofia mostra que lhe fazia bem à vaidade ser desejada por Rubião e, parte dela, encorajava o assédio dele, como no dia do passeio da Tijuca em que ela estava “singularmente esbelta, vestida de amazona, corpinho tentador de justeza.” (ASSIS, 1980, p. 145).

Nesse passeio ocorreu algo que merece a nossa atenção: a queda de Sofia. Após a queda, ao retornar a casa, ela perguntou insistentemente ao marido se não ficara “descomposta” (ASSIS, 1980, p. 146) ao cair. Como ele jurasse que não, percebemos que ela se frustra, pois, no fundo, queria mostrar as belas formas. Diz o marido:

Se aparecesse um pedacinho dessa obra-prima, o céu e as árvores ficariam assombrados, concluiu ele enquanto a mulher descia o vestido e tirava o pé do banco. - Pode ser, mas não havia só o céu e as árvores, disse ela, havia também os olhos de Rubião.(ASSIS, 1980, p. 146)

E, enquanto fazia a toalete “Palha imaginava o pasmo e a inveja da única testemunha do desastre, se este fosse menos incompleto.” (ASSIS, 1980, p. 146) Por que Palha pensa no pasmo de Rubião se visse a perfeição do corpo de Sofia? Parece que temos aqui o gozo do Outro. Sobre o exibicionismo de Sofia, que é também uma forma de perversão, diz Philippe Julien (1997), apoiado em Lacan:

O exibicionista não espia como o *voyeur*, ele “entrebrea a sua tela”, como uma calça que se abre, para oferecer-se à vista do Outro, tocá-lo “para além do seu pudor”. E pôr-se à mercê de seu desejo. Ele dá - a - ver para ver o Outro surpreendido pelo desvelamento. Em que há perversão? Lacan dizia: “A técnica do ato de exhibir consiste para o sujeito em mostrar o que ele tem, uma vez que o Outro não o tem.” Trata-se de revelar ao Outro o que este é suposto não ter, para mergulhá-lo ao mesmo tempo na vergonha do que lhe falta”. (JULIEN, 1997, p. 117)

É, portanto, o significante vindo do Outro que dá tal significação a uma imagem do corpo, segundo Lacan (1959 apud JULIEN, 2003, p. 42).

E Sofia concilia histeria – na sua ânsia de sedução – com narcisismo, pois, para ela, Rubião, como um espelho, remetia-a a si mesma, na imagem do seu corpo, que se funda pela *imago* do Outro, tornando-se o seu objeto de desejo, ainda no conceito lacaniano.

2.10 O Delírio Paranoico

“Foi por esse tempo que Rubião pôs em espanto a todos os seus amigos.” (ASSIS, 1980, p.146). É que mandou chamar um barbeiro a casa. Quando este chegou, encontrou o dono “em uma longa cadeira de extensão, ermo do espírito, que rompera o teto e se perdera no ar. A quantas léguas iria? Nem condor nem águia o poderia dizer. Em marcha para a lua” (ASSIS, 1980, p. 147). Observou ainda o barbeiro os dois bustos de Napoleão, uma gravura da batalha de Solferino e um retrato da imperatriz Eugênia. “Rubião tinha nos pés um par de chinelas de damasco, bordadas a ouro; na cabeça, um gorro com borla de seda preta. Na boca,

um riso azul-claro” (ASSIS, 1980, p. 147). O riso azul-claro, por sua natureza surrealista, dá-nos a entender que o narrador já vê a loucura estampada no rosto de Rubião. E Rubião ordena ao barbeiro que tire sua barba: “Quero restituir a cara ao tipo anterior; é aquele” (ASSIS, 1980, p. 147), diz apontando para o busto de Napoleão III. E assim fez o barbeiro, deixando-lhe “somente a pera e os bigodes de Napoleão III”, (ASSIS, 1980, p. 148) procurando compor uma coisa com a outra. Depois de algum tempo, o trabalho estava pronto: “Rubião deu um salto, correu ao espelho, no quarto, que ficava ao pé; era o outro, eram ambos, era ele mesmo, em suma” (ASSIS, 1980, p. 148).

Eis que surge aí um acontecimento que balança o já parco equilíbrio de Rubião dando sua entrada na psicose.

Rubião, sempre pródigo e “com um gesto soberano” (ASSIS, 1980, p. 148) pagou regamente ao barbeiro, pois já era um imperador. Em seguida, só, atira-se a uma poltrona e vê passar grandes coisas do seu governo, coisas que, na verdade, “lera nos jornais e lhe ficaram na memória.” (Pág. 149) Diz acertadamente o narrador: “Estava longe e alto. Compiègne era no caminho da lua. Em marcha para a lua!” (ASSIS, 1980, p. 149) O nosso Rubião estava “lunático”. O delírio se instalara nele.

Rubião “desceu da lua” (ASSIS, 1980, p. 149) para receber os amigos comensais que, como era de se esperar, concordaram muito com ele. E Rubião “sentia-se imperador dos franceses, incógnito, de passeio” (ASSIS, 1980, p. 149). Mas, nele, essa identidade ainda se revezava com a dele:

Rubião era ainda dois. Não se misturavam nele a própria pessoa com o imperador dos franceses. Revezavam-se: chegavam a esquecer-se um do outro. Quando era só Rubião, não passava do homem do costume. Quando subia a imperador, era só imperador. Equilibravam-se, um sem outro, ambos integrais. (ASSIS, 1980, p. 150)

Como vimos nessa passagem, Rubião agora está cindido.

Indo visitar Sofia, achou-a na porta, de saída. Ela notou-lhe a mudança e aprovou-a, não sem dizer “consigo mesma que talvez fosse ela a causa da mudança” (ASSIS, 1980, p.

150). Assim, como Rubião marchava em direção à loucura, Sofia o fazia em direção ao narcisismo.

Num gesto de muita rapidez e ousadia, Rubião entra no *coupé* de Sofia e senta-se a seu lado. Sofia, desesperada, pede-lhe que desça, pois receava um possível escândalo. “Rubião, entretanto, acomodara as pernas e não dizia nada (ASSIS, 1980, p. 151). Mas percebemos aqui o forte sentimento ambivalente de Sofia em relação a Rubião: sentia aversão, asco e, se nos lembramos bem, ela sentiu grande prazer em ouvir-lhe as palavras de adoração no passeio da Tijuca.

Assim, o *coupé* percorria as ruas, enquanto Sofia, agoniada, sem saber o que fazer com a presença incômoda do Rubião que, por sua vez, mergulhara no mais completo silêncio. Mas, de natureza ambivalente, Sofia admirava-lhe a atitude “tranquila, séria, quase indiferente” (ASSIS, 1980, p. 152). Ou seja, ela não queria, mas queria a presença do homem que tanto a adorava... e, na luta para desvencilhar-se dele, ouve, de repente, um discurso que é todo feito de delírio: agora ele é Napoleão III, e ela, a imperatriz Eugênia. Estava tão convicto dessa identidade, falava-lhe com tal sinceridade, que quem quer que lhe ouvisse a história, “aceitaria tudo por verdade [...] Diz Sofia: “ - Senhor Rubião... - Napoleão, não; chama-me Luís. Sou o teu Luís [...] Chama-me teu; o teu Luís, o teu querido Luís.” (ASSIS, 1980, p. 154)

Agora Sofia identifica o que se passa com ele: “não podia ser cálculo de perverso, nem lhe atribuía mofa... Delírio, sim, é o que era: tinha a sinceridade da palavra, como pessoa que vê ou viu realmente as coisas que relata.” (ASSIS, 1980, p. 155) Sofia sente pena e prazer, pois não podia deixar de pensar novamente que “o motivo podia ser ela própria, e esta conjetura fê-la sorrir de piedade.” (ASSIS, 1980, p. 155).

Como característica do delírio, Rubião viu-se muito poderoso “O vento que se atrevesse a tocar em sua pessoa, acredita que eu mandaria pôr para fora do espaço, como um

vento indigno. Tu ainda não conheces bem o meu poder, Sofia; anda, confessa.”: (ASSIS, 1980, p. 155). Na paranoia, a questão do poder chega a ocupar a posição central, como no caso Schreber, estudado por Freud e Lacan, bem como a megalomania (“Far-te-ei duquesa. Ouviste?”) (ASSIS, 1980, p. 155) e, sobretudo, a questão da linguagem. Para Lacan, “o sujeito está na linguagem mas não fala, se entendermos por aí a tentativa de fazer-se reconhecer por e em sua própria língua [...] O sujeito é mais falado do que fala, disse Lacan” (LACAN, 1966 apud JULIEN, 2003, p. 29)

Já na rua, separados, a realidade volta a dominar Rubião. “O delírio esvaía-se.” (ASSIS, 1980, p. 156) Sofia, no entanto, deixa-se mergulhar no devaneio, pensando no homem – não podia ser o Rubião - “que lhe dizia os mimos mais petitosos do mundo” (ASSIS, 1980, p. 156). Não escapou ao narrador esse interessante contraste!

Não demorou a espalhar-se a notícia da loucura de Rubião. As pessoas queriam vê-lo delirar para se divertir e, naturalmente deliciar-se por não serem como ele... Ainda mais no momento da guerra franco-prussiana em que ele acompanhava com interesse desmedido, fazendo a conta dos mortos e feridos e sempre achando “saldo a seu favor” (ASSIS, 1980, p. 156). Os amigos do jantar não procuravam dissuadi-lo da ideia, pois estavam muito interessados em manter a situação de comensais. A casa, entretanto, ruía. “Já sem prataria, quase sem porcelana nem cristais, ainda assim aparecia aos olhos de Rubião regiamente esplêndida.” (ASSIS, 1980, p. 157) Da mesma maneira via as “Pobres galinhas magras graduadas em faisões;” (ASSIS, 1980, p. 157); a casa toda gasta parecia-lhe magnífica. E, talvez o mais relevante, a mudança da linguagem de Rubião:

E a linguagem era também diversa, rotunda e copiosa, e assim os pensamentos, alguns extraordinários, como os do finado amigo Quincas Borba – teorias que ele não entendera, quando lhas ouvira outrora em Barbacena, e que ora repetia com lucidez, com alma, - às vezes, empregando as mesmas frases do filósofo. Como explicar essa repetição do obscuro, esse conhecimento do inextricável, quando os pensamentos e as palavras pareciam ter ido com os ventos de outros dias? E por que todas essas reminiscências desapareciam com a volta da razão?” (ASSIS, 1980, p. 157)

Rubião, nas horas de crise, falava bastante e era audacioso; nas horas normais, em que a doença se afastava, redobrava a timidez. E Sofia, tinha-lhe compaixão, por uma razão narcisista: “a ideia de ter sido amada até a loucura, sagrava-lhe o homem.” (ASSIS, 1980, p. 157).

Enfim, resolveu-se pelo tratamento de Rubião. “Tudo se fez sossegadamente. Palha alugou uma casinha na Rua do Príncipe, (ironia?) cerca do mar, onde meteu o nosso Rubião, alguns trastes, e o cachorro amigo.” (ASSIS, 1980, p. 163) Rubião não desgostou da mudança, pois para ele “Estava nos seus paços de Saint-Cloud”. (ASSIS, 1980, p. 163) Os amigos, no entanto, sentiram-se como exilados; esses amigos que o costume “tinha fundido uns nos outros” (ASSIS, 1980, p. 164) agora, mais que separados, viam-se articulados. O elo era a casa de Rubião. Rubião mandou chamá-los. Nenhum veio... Rubião só, triste, sentiu-se abandonado. “Vivia entre o cão e um criado, sem grandes crises, nem longos repousos, (ASSIS, 1980, p. 176) Quando voltava do delírio, “toda aquela fantasmagoria palavrosa tornava-se, por instantes, uma tristeza calada. A consciência, onde ficavam restos do estado anterior, forcejava por despegá-los de si.” (ASSIS, 1980, p. 176).

Agora, Rubião vivia somente para visitar os amigos, que só queriam “despedir o importuno” (ASSIS, 1980, p. 176). É que “Rubião precisava de um pedaço de corda que o atasse à realidade.”, (ASSIS, 1980, p. 177), pois a qualquer instante sentia que o espírito ia descarrilhar, ele mesmo o pressentia.

O quadro de sua doença só piorava. Na rua, certo dia, gesticulando e falando como se trouxesse alguém pelo braço, dera aos transeuntes “o espetáculo do delírio” (ASSIS, 1980, p. 180). Acompanhado pelas crianças, “uma turba de moleques” (ASSIS, 1980, p. 180) a fazer troça dele, fazia um triste papel:

Caminhava, parava, murmurava, sem grandes gestos, sonhando sempre, sempre envolvido naquele véu, através do qual todas as coisas eram outras, contrárias e melhores; [...] Rubião seguia direito à sala do trono, para receber um embaixador qualquer, mas o paço era interminável. (ASSIS, 1980, p. 182)

Como o estado dele se agravava visivelmente, foi recolhido a uma casa de saúde. “Lá ficou o homem. [...] E pediu insistentemente que lhe trouxessem o cão” (ASSIS, 1980, p. 183), o que foi feito.

Enquanto Rubião amargava o confinamento na clínica, o casal Palha festejava a ascensão social: “Em outubro, Sofia inaugurou os seus salões de Botafogo, com um baile, que foi o mais célebre do tempo. Estava deslumbrante.” (ASSIS, 1980, p. 186) No dia seguinte ao baile, o diretor da casa de saúde notificava que Rubião havia desaparecido. Não pôde ser encontrado porque ele e o cão haviam partido para Barbacena. Tão logo chegou a Barbacena “e começou a subir a rua [...] exclamou parando: - Ao vencedor, as batatas!” (ASSIS, 1980, p. 185)

Lembrou-se da fórmula e a alegoria do amigo Quincas Borba, embora não a compreendesse bem. Vagou acompanhado do cão até a porta da igreja. Tudo estava deserto. As “reminiscências vinham vindo, mais numerosas, em bando.” (ASSIS, 1980, p. 188).

Súbito, foram surpreendidos por uma tempestade, e foram andando rua abaixo: “ambos tontos, debaixo do aguaceiro, sem destino, sem esperança de pouso ou de comida” (ASSIS, 1980, p. 188). No entanto, “o delírio vinha enganar a necessidade com os seus banquetes das Tulherias. No ar frio da noite, subiam e desciam ladeiras. Soprava um triste vento, que parecia faca e dava arrepios aos dois vagabundos” (ASSIS, 1980, p. 189).

Cessa a tempestade, surge um magnífico céu de estrelas:

Estavam tão bonitas, reconheceu que eram os lustres do grande salão e ordenou que as apagassem. Não pôde ver a execução da ordem; adormeceu ali mesmo, com o cão ao pé de si. Quando acordaram de manhã, estavam tão juntinhos que pareciam pegados. (ASSIS, 1980, p. 189)

“- Ao vencedor, as batatas!, exclamou Rubião ao acordar, já alto o dia. Como passaram à porta da comadre, foi por ela reconhecido. Abrigou a ambos. Como tremia de

febre, “comeu pouco e sem vontade.” (ASSIS, 1980, p. 189) Fez um relato confuso de sua estada na Corte, deixando a comadre com medo. Aos poucos, toda a gente já sabia de sua chegada, de sua condição delirante, e vinham vê-lo por curiosidade. Mandaram vir o médico. Rubião o reconheceu e disse que “Capturara o rei da Prússia, não sabendo ainda se o mandaria fuzilar ou não” [...] “- Ao vencedor, as batatas! Concluiu rindo” (ASSIS, 1980, p. 190).

Depois de alguns dias e após uma curta agonia, morre Rubião, não sem antes pôr uma coroa na cabeça. Uma coroa de nada, que só ele via, toda em ouro, brilhantes, e pedras preciosas com a insígnia imperial. No instante final, pediu apenas que lhe guardassem a coroa e não completou a sentença “Ao vencedor...” e estava assinada a abdicação” (ASSIS, 1980, p. 190), ironiza o narrador. Três dias depois, desvalido, o cão Quincas Borba amanheceu morto. E, encerrando a narrativa, o narrador pede ao leitor que chore ou que ria; e nos diz que “O Cruzeiro que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.” (ASSIS, 1980, p. 191).

3 DISCUSSÃO

As personagens por nós analisadas ilustram de modo satisfatório a nossa indagação. A começar por Rubião, o protagonista do romance analisado, *Quincas Borba*, que, como vimos, apresenta os sintomas da paranoia, os quais se manifestam a partir do fracasso da defesa contra as representações sexuais insuportáveis, uma vez que os investimentos libidinais só podem retornar como investimentos objetivos como afeto desprazeroso. No caso de Rubião, o narcisismo tem papel preponderante no desenlace da doença, pois, inicialmente, na cena em que vemos o seu autoerotismo, e na sua vida de celibatário, vemos que a libido se desvia dos objetos e volta para o eu, encontrando aí a satisfação que não encontrou na libido de objeto, fonte de outras satisfações, mas também de muitas decepções, ameaças, incertezas (GREEN, 1988). Para esse autor, “O narcisista não tem outro objeto de desejo que ele mesmo” (GREEN, 1988, p. 17) e “O narcisismo é o próprio coração do nosso Eu” (GREEN, 1988, p. 18). Assim, pensamos que é um atributo fálico o que falta a Rubião, mas à medida que este lhe proporcionava a admiração dos amigos. Aquilo de que sofre Rubião é uma ferida no ser. O seu autoerotismo é causa do empobrecimento das relações objetivas.

A relação do autoerotismo com o narcisismo e deste com a depressão é muito estreita, diz Green citando Freud. E também com o homossexualismo. Diz ele:

[...] a assunção da posição heterossexual se depara com um obstáculo difícil de transpor: o objeto heterossexual é inassimilável porque *estranho*, definitivamente outro. A regressão homossexual é, na verdade, comandada pelo narcisismo que busca a qualquer preço reencontrar o Mesmo (ou o semelhante homossexual), como se a mudança de objeto trouxesse ao risco da perda do objeto homossexual como objeto que satisfaz a exigência narcisista. (GREEN, 1988, p. 179)

Assim, Rubião, quando induzido pelos amigos a casar-se, pode ter se confrontado com uma situação inconscientemente inaceitável porquanto o levaria a desempenhar um papel sexual para o qual, no seu íntimo do seu ser, não estava preparado, para o qual não havia um registro.

Os índices para o surto psicótico de Rubião são muitos na narrativa. Tomemos como exemplo forte o sonho em que o Palha chicoteia Sofia e Maria Benedita. A carne delas se desfaz, caindo aos pedaços. Seguindo o raciocínio de Lacan, podemos afirmar que “o outro é o que o criminoso quer ser” (LEITE, 2010, p. 35) e diríamos igualmente que essa cena é a realização de fantasias arcaicas estruturantes do psiquismo, que são fantasias de estripação, que Lacan chamou de “corpo despedaçado” em que o sujeito “é originalmente coleção incoerente de desejos [...] e a primeira síntese do *ego* é essencialmente *alter ego*, ela é alienada. [...] É que o eu humano é o outro,” (LACAN, 2008, p. 52). Esse corpo despedaçado pode significar a despersonalização de Rubião, ou a angústia da dispersão, da fragmentação, da explosão; é a angústia do *caos* (GREEN, 1988), ou seja, é ameaça psicótica. E a saída desse estado das angústias de despedaçamento é a busca, segundo este autor, de um objeto substituto, um *pacifier*. Assim, Rubião agarra-se à ideia do amor pela bela Sofia, visitando-a insistentemente, pois necessitava da sua presença física. Vê-la frequentemente adiou a irrupção da sua psicose.

Enquanto isso, a sua psique continuava e perlaboração da sua loucura, num caminho sem volta. Ao chamar o barbeiro francês para restituir sua imagem à original, (de Napoleão III), todo o caminho já estava preparado. Já tinha aceitado o criado francês, Jean, em vez do preto que trouxera de Minas; já tinha comprado as louças de Limoges, já tinha lido todas as aventuras francesas na literatura de Alexandre Dumas, já tinha comprado os bustos do dois Napoleões, o I e o III, com quem se identificaria na sua loucura, e assim pagou regamente a esse barbeiro para dar-lhe a feição do imperador; e com o auxílio do espelho, poderoso objeto que o fez projetar a imagem do Outro – como diz Lacan (2008) – no caso, Napoleão III e toda a cultura em que se inseria. E estava criada a nova identidade, engendrada sorratamente pelo trabalho da psicose, e assim surgia o novo sujeito em sua nova realidade: a que ele criara para si, tão somente para si, para que pudesse habitá-la, uma vez que rejeitava

aquela que o cercava. Estava foracluído. É preciso acrescentar que, para André Green (1988), a base do delírio está na combinação da projeção que tanto pode formar uma *imagem idealizante* (do Um ou do Outro) ou, pelo contrário, *persecutória* dos mesmos.

Outra questão que procuramos elucidar é como se inicia a paranoia. Estudando o Rubião, concordamos com Lacan quando este afirma “que não se pode limitar a evolução de uma paranoia às causas internas. [...], pois há também intervenções do exterior, da conservação ou da perturbação de uma certa ordem no mundo em torno do doente” (LACAN, 2008, p. 28). Rubião, que partiu da província para a Corte sem nenhum preparo, a não ser a ambição de levar uma vida nababesca, alimentou sonhos de grandeza e fez papel de tolo, não satisfazendo os seus anseios, pois se sentia solitário, no fundo sabendo que não era querido nem respeitado na capital. E as distorções de toda natureza foram se tornando miragens, evoluindo progressivamente como delírio.

Sobre a identificação dos sintomas psicóticos de Rubião, o mais claro é quanto ao uso da linguagem. Segundo Leite:

O axioma mais conhecido de Lacan é: “*O inconsciente está estruturado como uma linguagem.* [...] Linguagem é linguagem; existe até a linguagem das abelhas, existe a linguagem não verbal. A linguagem se articula com a noção do Simbólico como decorrente do conceito de estrutura. Sob essa ótica, a linguagem é a condição do inconsciente. (LEITE, 2010, p.70)

Assim, tudo é linguagem: o corpo, as recordações da infância, o vocabulário peculiar, na escolha de palavras que o sujeito faz. Vimos em Rubião o gosto pelo vocabulário da nobreza, com todas as fórmulas indicadoras daquela classe social. Para Lacan, a questão do *Quem fala?* deve dominar toda a questão da paranoia, o caráter central da alucinação verbal na paranoia. Ou seja, o sujeito articula o que ele diz ouvir (LACAN, 2008, p. 34). Chamamos atenção para a riqueza da linguagem no delírio, não apenas pelo conteúdo, pelo simbolismo da imagem, mas também em sua construção, sua própria estrutura (LACAN, 2008 p. 38). Lacan chama a atenção para a linguagem do delirante, de sabor particular e frequentemente

extraordinário (LACAN, 2008, p. 43). No nosso trabalho é de se comparar a fala do Rubião provinciano, inseguro, tímido e a do Rubião/Napoleão III segura, empostada e saborosa, pois se trata de algo que para ele é muito interessante, ardente, no qual ele está envolvido, que Lacan chamou da “ordem do testemunho” (LACAN, 2008, p. 51). E Lacan chama ainda a atenção para o “caráter submergente, inundante” do discurso do sujeito (LACAN, 2008, p. 45). Assim, na fala ou discurso, em oposição à linguagem, Lacan nos ensina: é o registro da fala que cria toda a riqueza da fenomenologia da psicose, é aí que vemos todos os seus aspectos, as suas decomposições, as suas refrações. A alucinação verbal, que é aí fundamental, é justamente um dos fenômenos mais problemáticos da fala.

Ainda sobre os sintomas, o processo de produção desses na paranoia é a projeção. Freud considera a fase mais importante da produção de sintomas a do fracasso da repressão com a irrupção e o retorno do recalçado (CROMBERG, 2010). Como observa Freud, temos, no caso de Rubião, o exemplo de como “o doente retirou das pessoas que o rodeiam e do mundo exterior em geral a carga de libido que até então havia orientado em direção a eles, e assim tudo chegou a ser indiferente e alheio” (CROMBERG, 2010 p. 95).

Vimos na nossa narrativa, na noite do baile em casa do casal Palha, como Rubião declarou seu amor à Sofia e, daí em diante, o quanto sofreu com os ciúmes que sentia dela. Esse tema, o ciúme, faz parte do mundo do delirante, o que, no nosso caso, veremos acentuar-se cada vez mais, até o momento em que, no final da narrativa, Rubião invade o *coupé* de Sofia e segue com ela pelas ruas da cidade. Sobre isso, Lacan (2008) afirma que o ciúme, a rivalidade fundamental é que produz a constituição do mundo humano como tal. Ou seja, o Palha se apoderou do objeto do desejo enquanto objeto de desejo de Rubião... Nessa relação complexa a três, pelo menos supomos que assim o seja, no verdadeiro desejo de Rubião, valemo-nos do enunciado de Freud: olhando, despeitado, para o Palha e Sofia, Rubião poderia dizer: “Não sou eu que o ama, é ela”; em seguida, numa segunda formulação: “Não é ele que

eu amo, é ela; e, numa terceira possibilidade: “Eu não o amo, eu o odeio”, que, com a intervenção do mecanismo da projeção, se torna: “Ele me odeia”. Lembramos que Rubião sentiu vontade de ver o Palha morto, o que poderia, de maneira ambivalente, fazer desaparecer com ele o ódio e o amor. Assim, Rubião procura no outro uma completude que lhe falta. E o que torna essa procura de amor “adjetivada como psicótica ou ainda paranoica é o fato de procurar essa completude de si pela morte, do despedaçamento do outro”, como diz Leite (2010, p. 163).

Rubião, uma vez instalada a doença, tornou-se o bobo da Corte. Era seguido pelas crianças, que faziam troça dele, era motivo de riso de todos quando andava pelas ruas da cidade. E como andava! Foi tratado com preconceito, principalmente na casa de saúde em que fora colocado pelo Palha. Recolheu-se à tristeza e ao silêncio. Os amigos desapareceram todos. E, por fim, abandonado à sua própria sorte, fugiu para sua cidade, Barbacena, numa última tentativa, talvez, de atar o pedaço de corda que ainda lhe restava à realidade: seria a volta a fontes recalcadas – mas sempre presentes – o primitivo e a infância; enfim, a busca da identidade, do verdadeiro eu.

4 RESULTADOS

Perguntamos inicialmente se a literatura pode ser utilizada como objeto de análise psicanalítica, ao que agora respondemos positivamente: o nosso trabalho mostra que é possível estudar as estruturas clínicas, no nosso caso, a psicose, em personagens literárias, utilizando o instrumental da psicanálise, pois ambas as áreas de conhecimento falam do sujeito humano com sua psique, suas paixões, sua fragilidade, seu estar no mundo imerso na cultura, que é, como sabemos, invenção dos homens.

O delírio paranoico de Rubião e mesmo o de Quincas Borba apresenta os sintomas descritos nos manuais de psicanálise dos mais diversos e renomados autores dessa área de estudo, despertando o nosso interesse por esta pesquisa, principalmente, por ter sido a publicação do romance *Quincas Borba* (1891), de Machado de Assis, anterior aos estudos específicos dessa clínica, sobretudo os de Lacan, médico psiquiatra e psicanalista francês que só desenvolveu suas teorias a partir das pesquisas feitas já em 1930. O material humano das pesquisas de Lacan, sobretudo sua tese de doutorado sobre o caso Aimée, mostra o ciúme como causa determinante da psicose da sua paciente.

Consideramos a nossa hipótese como verdadeira, pois de acordo com a leitura atenta e com o respaldo da pesquisa bibliográfica, e ainda apoiados na atitude de Freud ao fazer o famoso estudo do caso Schreber com base tão somente nos escritos deste, sem tê-lo visto uma única vez - o que, no nosso entendimento, transformou-o também em personagem de ficção -, personagens de ficção podem tornar-se sujeitos da análise psicanalítica. Freud inaugurou a abordagem da arte pela psicanálise com estudo da “Gradiva”, o conto de Jensen, analisando também obra de Dostoievski, escritos de Leonardo da Vinci, o “Moisés” de Michelangelo, as obras de seu autor favorito na literatura, Shakespeare, como o *Hamlet*, sua peça favorita, e, naturalmente, a peça *Édipo Rei*, de Sófocles, fonte de inspiração e ponto de partida para a psicanálise. Já Lacan dedicou-se ao estudo de James Joyce, Goethe,

Shakespeare, Poe, Gide, Marguerite Duras, só para citar os que se tornaram referência na conexão literatura/psicanálise.

Para tanto, fizemos um levantamento de dados entre estudos psicanalíticos e literários e o resultado que aqui apresentamos é que a psicose, no caso a paranoia de Quincas Borba e Rubião, se manifesta a partir do fracasso das defesas contra as representações sexuais insuportáveis, ou seja, causas internas, num encadeamento de sintomas que vão do narcisismo, autoerotismo, acrescidas de causa externas, como o embate intenso da personalidade com o meio social, sem esquecer o ciúme e a ideia fixa e o transbordamento da linguagem, culminando com o homossexualismo, resultado do conflito entre sentimentos heterossexuais e homossexuais inconscientes.

Reiterando a nossa resposta acima, afirmamos que é possível utilizar textos literários como *corpus* analítico, uma vez que a literatura, enquanto arte, recria a vida humana, de modo tão verossímil que a torna verdadeira; e a psicanálise, enquanto ciência, como quis Freud, realiza o trabalho de compreender esse sujeito humano. Diz ainda Lacan:

Os sofrimentos da neurose e da psicose são, para nós, a escola das paixões da alma, assim como o fiel da balança psicanalítica, quando calculamos a inclinação de sua ameaça em comunidades inteiras, dá-nos o índice do amortecimento das paixões da polis. Nesse ponto de junção da natureza com a cultura, que a antropologia de nossa época perscruta obstinadamente, apenas a psicanálise reconhece esse nó de servidão imaginária que o amor sempre tem que desfazer ou deslindar. (LACAN, 2008, p. 103)

E, concluímos com Antonio Quinet (2011, p. 17): “A civilização exige do sujeito uma renúncia pulsional. Todo laço social é, portanto um enquadramento da pulsão, resultando em uma perda real do gozo”.

CONCLUSÃO

Finalizando o nosso estudo em que procuramos identificar os sintomas da paranoia em Rubião, personagem literária da literatura brasileira, do mestre Machado de Assis, fazemos nossas as considerações de Renato Mezan (2002), em *A querela das interpretações, ensaios de psicanálise*, a respeito do direito da psicanálise de se pronunciar sobre fenômenos exteriores à situação analítica:

A psicanálise sustenta que tudo o que é humano traz a marca do inconsciente e é, portanto de sua alçada. [...]a cultura tomada em seu sentido mais amplo não é estranha à esfera da psicanálise, porque esta não se reduz a um método terapêutico, mas assenta tal método sobre uma teoria da gênese e funcionamento do psiquismo em geral[...]a transformação da psique em psique *humana* equivale à sua transformação numa psique *marcada pela cultura*. [...]Portanto, a investigação psicanalítica da cultura não somente é legítima, mas é também parte integrante da própria psicanálise, razão pela qual me parece inadmissível falar-se em “psicanálise aplicada” para designar esse tipo de trabalho. (MEZAN, 2002, p. 67, 68)

Assim, apoiados na ideia de que uma personagem literária é tão somente a representação do sujeito humano marcado pela cultura, acompanhamos o desenvolvimento da paranoia em Rubião, com toda a sintomatologia e desenlace próprios dessa estrutura clínica chamada psicose.

Observamos inicialmente a idade de Rubião, com seus quarenta anos, confirmando o que disse Freud sobre esta irromper em adultos: “Isto para Freud indica que talvez a repressão se produza na paranoia em uma idade maior que na neurose obsessiva ou na histeria” (CROMBERG, 2010, p. 61).

Observamos também o desenvolvimento lento da paranoia em Rubião, o que se confirma na opinião do pioneiro Kraepelin (CROMBERG, 2010), para quem a paranoia tem desenvolvimento lento, porém insidioso. Isso foi constatado nos mínimos detalhes por nós, uma vez que naquilo que para as outras personagens eram apenas esquisitices do Rubião, vimos já manifestações sintomáticas da doença, tanto na megalomania, quanto no ciúme excessivo, no seu olhar que tudo vê, tornando significativos os mais insignificantes detalhes.

Outro traço importante, como acentuamos, é a generosidade exagerada de Rubião, cuja incontinência financeira remete à fase sádico-anal, em que o prazer perdulário, excretório, sem consideração pelo objeto é o fator dominante; o dinheiro aqui é, sim, moeda de troca entre os desejos de Rubião e os objetos desejados. Os desejos recalcados, bem entendido, como nos ensinou Freud (1996). Lembremo-nos de como ele, pródigo, abria a casa aos comensais – a carteira, aos conhecidos e desconhecidos – sem falar nos presentes fabulosos que dava à Sofia.

No apaixonamento pela bela Sofia, outro traço se evidencia: o ciúme. No aparente círculo vicioso em que Rubião se movia, quanto mais desejava a mulher, mais mergulhava nessa fantasia e distanciava-se da realidade. Mas a paixão por Sofia teve, supomos, um complemento: o próprio marido. Concordamos com Valério (1930) que observa que o casal Palha despertou desejos recalcados em Rubião. Ou seja, na luta entre o consciente e o inconsciente, venceu este, pois o componente homossexual da libido reprimido fracassa e as representações sexuais insuportáveis irrompem em forma de delírio. E esse componente homossexual, latente, impede a realização do amor por Sofia, simbolizado pelas estrelas do Cruzeiro do Sul que, à semelhança do caso Schreber, em que o Sol era símbolo do pai, esse amor é também sublimado.

Assim, para reconstruir o mundo de maneira que possa nele habitar, Rubião delira, pois o delírio é o trabalho de reconstrução, de tentativa de cura. Para tanto, como observa Freud (apud CROMBERG, 2010, p. 74) “o doente retirou das pessoas que o rodeiam e do mundo exterior em geral a carga de libido que até então havia orientado em direção a eles e assim tudo chegou a ser indiferente e alheio”. E, no final da nossa narrativa, a forte chuva, o “dilúvio” que cai sobre a cabeça de Rubião e seu companheiro, o cão Quincas Borba, é projeção da catástrofe interior; o mundo subjetivo se fundiu desde que se lhe retirou o amor: na regressão narcísica da libido, o delírio ocorre a uma desobjetalização, diz Lacan (2008).

E, para esse sujeito que não recalca, que não simboliza, que é marcado pelo transbordamento narcísico, lembramos, com Erasmo de Rotterdam, que a vida é ilusão, fantasia. Diz ele:

Destruída a ilusão, toda obra se estraga; a fantasia, a pintura no rosto, era isso mesmo que encantava os olhos. Dá-se o mesmo com a vida. Que mais ela é, senão uma peça de teatro, em que cada qual, sob a máscara, representa sua personagem até que o corego o faça sair do palco? Este, aliás, confia ao mesmo ator papeis bem diferentes, e aquele que vestia a púrpura do rei reaparece sob os andrajos do escravo. Em toda parte só há fantasias, e a comédia da vida não é representada de outra maneira. (ROTTERDAM, 1990, p. 27)

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. *Quincas Borba*. São Paulo: Ática, 1980.
- ASSIS, M. *Quincas Borba*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. Disponível em <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm07.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2016.
- ALCÂNTARA, L. *Aspectos médicos na obra de Machado de Assis*. 2008. Disponível em <<http://lucioalc.blogspot.com.br/2008/07/aspectos-mdicos-na-obra-de-machado-de.html>>. Acesso em: 16 fev. 2016.
- CROMBERG, R. U. *Paranoia. Clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- FREITAS, L. A. P. *Uma interseção entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). 1. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Volume 7.
- FREUD, S. *Gradiva de Jensen e outros trabalhos* (1906). 1. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Volume 9.
- FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud: Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)* (1911). 1. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Volume 12.
- FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914). 1. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Volume 14.
- FREUD, S. *Conferência XVII: O sentido dos sintomas/Conferência XXVI: A teoria da libido e o narcisismo* (1916-1917). 1. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Volume 16.
- FREUD, S. *A dissecação da personalidade psíquica* (1933). 1. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Volume 22.
- GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta, 1988.
- HERRMANN, F. *O que é psicanálise*. São Paulo: Abril Cultural/ Brasiliense. 1984.
- JULIEN, P. *As psicoses*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- JULIEN, P. *Psicose, perversão, neurose - a leitura de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.
- LACAN, J. *O seminário: livro 20: mais ainda*. (1977). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J. *O seminário: livro 3: as psicoses*. (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LEITE, M. P de S. *Psicanálise lacaniana: cinco seminários para analistas kleinianos*. São Paulo: iluminuras, 2010.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2012.

LOPES, J. L. *A psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

MELO FILHO, J de. *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

MEZAN, R. *A vingança da esfinge. Ensaio de Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda, 2002.

MOTTA, L. T. *A literatura de Machado não pinta o Brasil, mas a literatura*. 2008. Disponível em <<http://www.cronopios.com.br/content.php?artigo=9511&portal=cronopios>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

NASIO, J. D. *A alucinação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

NASIO, J. D. *A histeria – teoria e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

NASIO, J. D. *Os grandes casos de psicoses*. Observações psicanalíticas sobre as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PARANHOS, U. *Os desequilibrados na obra de Machado de Assis*. Revista da Academia Paulista de Letras. São Paulo. 11, set., 1940.

PEREIRA, L. M. *Machado de Assis– Ensaio e apontamentos avulsos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1988.

PESSOTTI, I. *A loucura e as épocas*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

PIRES, I. V. A. *Rubião: um excêntrico entre a província e a corte*. In: BARBIERI, I. (Org.). *Ler e reescrever Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, 2003.

QUINET, A. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

QUINET, A. *Psicose e laço social - esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2009.

ROTTERDAM, E. *Elogio da loucura*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SANTOS, D. B. *Seminário de Iniciação Científica da PUC – Rio X, 2011*. Disponível em <http://www.puc-rio.br/Pibic/relatorio_resumo2011/Relatorios/CTCH/PSI/PSI-Davidosn%20Braga%20Santos.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2016.

SILVA, R. *Freud explica responde*. Disponível em <http://freudexplicablog.blogspot.com.br/2009_01_01_archive.html>. Acesso em: 07 jul. 2016.

SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. Forma social e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SECCHIN, A. C. *Linguagem e loucura em O Alienista*. Estudos de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

VALÉRIO, A. *Machado de Assis e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Tipografia Aurora, 1930.